



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS IV
COLEGIADO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

GEISA ALVES DA SILVA

**DANÇA AFRO-BRASILEIRA COMO CONTEÚDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A ESCOLA
VALTENCI ROCHA LEVI**

Jacobina

2015

GEISA ALVES DA SILVA

**DANÇA AFRO-BRASILEIRA COMO CONTEÚDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A ESCOLA
VALTÊNCI ROCHA LEVI**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Colegiado do Curso de Educação Física, do Departamento de Ciências Humanas – Campus IV da Universidade do Estado da Bahia como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Prof. Esp. Alexandra da Paixão Damasceno de Amorim

Jacobina

2015

GEISA ALVES DA SILVA

**DANÇA AFRO-BRASILEIRA COMO CONTEÚDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A ESCOLA
VALTÊNCI ROCHA LEVI**

Jacobina, 2015.

Aprovado por:

Prof. Esp. Alexandra da Paixão Damasceno de Amorim
Universidade do Estado da Bahia

Prof. Ms. Angelo Maurício de Amorim
Universidade do Estado da Bahia

Prof. Elmo Maturino
Universidade do Estado da Bahia

DEDICO ESTE TRABALHO AOS MEUS
PAIS, IRMÃOS, SOBRINHOS, E AMIGOS.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a meu **DEUS** e meu **SANTO EXPEDITO** por ter me dado força nos momentos difíceis, saúde e sanidade para continuar e não desistir, por ter me dado à oportunidade de passar por essa experiência incrível e inesquecível e estar sempre do meu lado.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte dessa minha jornada. A minha **MÃE EDILZA** em especial por ter me dado tanta força e incentivo nunca desistindo e sempre me incentivando sendo sempre meu porto seguro. A meu **PAI EVANILTON** por toda a compreensão, amor e carinho dedicado.

Aos meus irmãos amados **GILÉSIA, GILNETO, KÉU**, por estarem ao meu lado sempre, puxando a orelha quando necessário, apoiando e incentivando. A meu padrinho Kéu um agradecimento com muito carinho por me ajudar tanto, e mesmo com seu jeito bruto de ser, nunca desistir e nem desanimar, e sempre me incentivar apoiando sempre (OBRIGADO PADRINHO). Aos meus sobrinhos que amo muito **BEATRIZ, BIANCA E PAULO HENRIQUE** que fazem os meus dias bem mais feliz.

A meu querido companheiro **MARCELO ROCHA** que sempre esteve ao meu lado, e que foi o meu maior incentivador, e que me ajudou muito na construção do meu trabalho, agradeço muito a ele por toda a paciência e amor dedicado. Agradeço a minha irmã não sanguínea, mas que escolhi pra minha vida companheira inseparável **RAÍRA ALVES** por todo o carinho e respeito, por ter me aturado todos esses anos sem nunca mostrar cara feia, sempre me apoiando e me ajudando sempre que precisei brigadão. Ao meu primão **OLDAIR**, por estar ao meu lado me apoiando sempre.

A todos os meus mestres que foram peças fundamentais na montagem desse meu quebra-cabeça, meus espelhos profissionais, agradeço imensamente a todos por toda a contribuição na minha formação. Um agradecimento especial ao um mestre **ANGELO AMORIM** que me auxiliou muito e como sempre com muita paciência. E minha orientadora, Deusa do Ébano **ALEXANDRA DA PAIXÃO DAMASCENO DE AMORIM**, que foi a grande inspiradora para esse projeto de dança afro-brasileira, valeu professora por toda paciência comigo essas ultimas semanas.

E a todos os amigos companheiros que encontrei e dividir momentos inesquecíveis, a minha turma 2011.1 vocês marcaram a minha história "Turma Premiada".

A canção do africano

“Lá na úmida senzala. Sentado na estreita sala. Junto ao braseiro, no chão. Entoa o escravo o seu canto. E ao cantar correm-lhe em pranto. Saudades do seu torrão...”

(Castro Alves)

RESUMO

Essa monografia vem ampliar as pesquisas e discussões acerca da dança de matriz africana no espaço escolar. Essa temática vem promovendo inúmeras discussões a respeito dos benefícios físicos e sociais que a dança afro-brasileira promove no alunado, bem como à sociedade como um todo. Utilizamos a abordagem qualitativa tendo como base teórica a pesquisa bibliográfica, tomando como referência alguns textos e artigos. Nesse sentido, o objetivo proposto é o de investigar, por meio de intervenções, as implicações da dança afro-brasileira como conteúdo das aulas de educação física escolar, embasando-se na lei 10.639/03. Trata-se de uma pesquisa-ação, realizada no período de 13/06 à 12/09/2015, na Escola Valtenci Rocha Levi da cidade de Uibaí-BA. Participam, enquanto sujeitos da pesquisa cerca de 20 alunos na faixa etária entre 13 e 14 anos, entre meninos e meninas, valendo-se como instrumentos para coleta de informações, relatórios de campo e questionários, aplicados antes e após as intervenções. Constatando-se a compreensão dos alunos sobre a cultura afro-brasileira, e a importância da sua inclusão como conteúdo das aulas de Educação Física escolar, sendo este um valioso instrumento de ação pedagógica que podemos utilizar para promover o conhecimento e a valorização da cultura afro-brasileira dentro da escola.

Palavras Chaves: Dança Afro-brasileira. Educação Física escolar. Cultura afro-brasileira.

ABSTRACT

This monograph comes to expand the research and discussions about dance with African origins at the school. This theme has promoted many discussions about physical and social benefits that African Dance promotes in students and in society as well as in society. We used the qualitative approach using as theoretical base bibliographic research using as reference some texts and papers. This way, the proposed objective is to investigate through interventions the Afro-Brazilian Dance implications as contents of the Physical Education Classes basing in law 10.639/03. It is an action research held in the period between 13/06/15 to 12/09/15, in Valtenci Rocha Levi School From Uibaí-BA. Participated in the survey about 20 students aged 13 and 14 years, boys and girls, using these instruments to collect information, report and questionnaires before and after the interventions. Noting the student's understanding of the Afro-Brazilian culture, and the importance of their inclusion as content of the classes of Physical Education, a good pedagogical instrument of action that we can use to promote the knowledge and appreciation of the Afro-Brazilian Culture in school.

Key-Words: Afro-Brazilian Dance.School Physical Education. Afro-Brazilian Culture.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 TRAJETÓRIA DA POPULAÇÃO AFRO NO BRASIL: contribuições para a formação da cultura brasileira	17
2.1 CHEGADA DOS AFRICANOS NO BRASIL: uma síntese	17
2.2. Hereditariedade Cultural Africana, Constituição Cultural Brasileira	19
2.2.1 ADORAÇÕES E OFERENDAS: sincretismo religioso no Brasil	19
3. Dança Afro-Brasileira Contribuindo Para Formação Identitária, Social e Cultural do Alunado.....	24
3.1 Danças de Origem Afro-Brasileira	26
3.2. Dança afro-brasileira e o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Educação Física escolar	30
4. METODOLOGIA.....	34
5. RELATÓRIO DE INTERVENÇÃO.....	37
5.1 Análises dos Resultados.....	41
5.2 Discussões dos Resultados.....	49
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERENCIAS.....	55
APÊNDICES.....	59

1-INTRODUÇÃO

A dança representa uma das mais antigas manifestações artísticas e culturais da humanidade, na qual o corpo se expressa através do movimento, sendo esta a primeira forma de comunicação não verbal realizada pelo homem. Segundo Barreto (2004), a dança transmite ao ser humano sentimentos de alegria, prazer, euforia, e proporciona a sensação de superação de limites de movimentos, a autoconfiança utilizada para diversos fins, a partir das possíveis formas de se expressar através do corpo.

Para isso, se fez conveniente ressaltar uma fala da autora, onde ela cita que “não é possível ouvir uma música sem que seu corpo a traduza em movimento” (BARRETO, 2004, p.1). isso significa dizer que o nosso corpo capta as emoções transmitidas pela música e as traduz em movimentos, ritmados ou não, mesmo que este corpo não saiba necessariamente dançar.

Na sociedade contemporânea, as manifestações culturais de dança cada vez mais ganham espaço e rompem as academias e festas populares, e adentra o espaço escolar, sendo tema de diversas pesquisas acerca da sua inserção nas aulas de Educação Física, como exemplos desses estudos temos: “Dança: ensino, sentidos e possibilidades na escola” de Débora Barreto (2004), “A importância da dança no contexto escolar” de Daniele Carbonera e Sergio Carbonera (2008), “Educação Física escolar e dança” de Neusa Kleinubing e Maria Saraiva (2009), dentre outras. O aumento das pesquisas que trazem a tona essa discussão da dança, e da dança no âmbito escolar, vem gradativamente nos conscientizando dos seus benefícios para a vida do indivíduo, seja no quesito individual ou mesmo social.

Dessa forma, observamos que a dança somada a uma boa contextualização e análise teórica pode proporcionar em seus praticantes mudanças internas que garantirão uma melhor relação com os sujeitos que os rodeiam, como respeito ao próximo e a si mesmo, companheirismo, coleguismo, satisfação, prazer, entre outros. Isso nos dá a segurança da importância de trabalhar a dança dentro da escola, já que esta promove qualidades necessárias à vida do indivíduo (CARBONERA, 2008).

Dentre as vertentes da dança, este trabalho propõe ampliar as discussões acerca das danças de matrizes africanas no espaço escolar limitando-se na dança afro-brasileira. A dança enquanto componente curricular tem sua legalidade assegurada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes (BRASIL, 1998) e é contemplada no bloco de conteúdos Atividade Rítmica e Expressiva, nos PCN's de Educação Física (BRASIL, 1998). Com o advento das leis nº 10639 (BRASIL, 2003) que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira, as discussões sobre as práticas corporais de matriz africana como maculelê, samba de roda, capoeira e outras danças afro-brasileiras surgem como possibilidades pedagógicas para tematizar este conhecimento no espaço escolar, por conta de suas implicações históricas imbricadas em tradições de ancestralidade.

Porém o que percebemos na prática é que apesar desta ter sua legitimação nos PCN's, ainda não está de fato inserida no contexto educacional, seja pelos professores não se sentirem preparados para trabalhar tal conteúdo, não terem afinidade com a prática, ou mesmo por não gostarem da dança, ou simplesmente preferirem os esportes, ou ainda pela mídia em geral influenciar tanto estes conteúdos nas escolas, o que acaba por limitar os alunos aos mesmos conteúdos (vôlei, futsal, basquete, handebol), o que não deixa de ser, de certa forma, alienador provocando o distanciamento deste conteúdo nas aulas (KLEINUBING; SARAIVA, 2009).

Outros autores também falam a respeito da supervalorização dos esportes na escola, afirmando que:

A realidade escolar vem prevalecendo uma educação física tecnicista, esportista, voltada para o conteúdo esporte, sobrepondo os demais conteúdos da Educação Física escolar, como é o caso da dança. (SILVA; MONTEIRO, 2013, p. 03).

Fazendo uma ponte entre esses autores, podemos inter-relacionar as atitudes recorrentes acima citadas com as constatações dos autores Kleinubing; Saraiva e Franceschi (2013), que por meio da pesquisa tenta expor alguns contrastes que são recorrentes no que tange a dança no ensino, sendo este voltado para o estereótipo de que homem não dança, não rebola, que dança é coisa de

mulher, tornando-se um dos problemas enfrentados para a inserção da dança no âmbito educacional e da resistência dos meninos para fazer as aulas.

Contudo, de acordo com o que propõe a sua inserção, a dança no âmbito pedagógico pode contribuir para o processo de desenvolvimento emocional e na estruturação da identidade individual do aluno, promovendo assim a sua formação singular no intuito que o aluno possa construir de forma crítica, suas capacidades e maneiras próprias de ser, pensar e agir.

Para o trabalho com a dança nas aulas de Educação Física, pretendemos avançar e ampliar nas discussões sobre a dança afro-brasileira a sua inserção como conteúdo das aulas de EF escolar, e como ela pode contribuir para o enriquecimento da cultura afro-brasileira dentro da escola, bem como auxiliar os professores no processo de ensino aprendizagem, tomando como ponto de partida a lei 10.639, que assegura esses conteúdos dentro das escolas.

A dança afro-brasileira compõe-se de um conjunto de diferentes danças e dramatizações, que apresentam em comum à raiz negra africana. No Brasil essa dança foi ganhando novos significados e expressões, tornando-se uma espécie de identidade brasileira, caracterizada por sua expressividade corpórea (SILVA, 2004). Ela nasce como uma maneira que os escravos encontraram para fugir da dura realidade em que se encontravam (escravidão) é uma manifestação que encontra sua essência na dança de matriz Africana, e que vai ganhando novas ideologias, novos passos, tornando-se uma junção entre diferentes ritmos e culturas.

Conforme Ferraz (2012), a dança afro-brasileira é uma linguagem artística que está aberta ao diálogo com dimensões rituais. Ressalta que nela podem ser “congregados fluxos energéticos, gestos narrativos, estruturas de significado, traços culturais inscritos no corpo, estados de entusiasmo, extrema excitação e, acima de tudo, trânsito entre as representações” (FERRAZ, 2012, p. 14).

As danças afro-brasileiras estão conectadas a uma tradição e linhagem coreográfica historicamente determinada no Brasil, sendo estas marcadas pelas trajetórias de artistas como Mercedes Batista, Domingos Campos, Raimundo Bispo dos Santos, entre outros. Embora suas influências mais reconhecidas sejam nas produções coreográficas das danças dos orixás em suas distintas tradições, também mesclaram-se de outras matrizes corporais afro brasileiras, como o samba e suas

múltiplas variações, os passos das danças populares regionais, os movimentos da capoeira, além das influências da dança moderna americana e até da técnica da dança clássica (FERRAZ, 2013).

A inclusão da história dos negros na escola tem sua legitimação aprovada nas Diretrizes Curriculares Nacionais de 2004: A Lei 10.639 propõe a inclusão de estudos da história da África e dos Africanos e toda a trajetória de luta dos negros e suas contribuições na formação da sociedade brasileira. Esse conteúdo, de acordo com a Lei precisa ser incluída no currículo oficial da rede de Ensino para assegurar, reconhecer e valorizar as contribuições da população negra para a formação cultural, econômica e política nacional (SILVA, 2004).

Procuramos através da pesquisa, proporcionar ainda a vivência do alunado com a cultura negra local, através da dança e manifestações que ocorrem naquela região, com o intuito de contribuir para o rompimento de barreiras e promovendo esses conhecimentos dentro da escola, permitindo ao alunado vivenciar valores históricos e culturais que estão presentes nas letras e nas manifestações como a chula, e o reisado que são praticados por lá. Partindo do pressuposto de que este é um conteúdo rico, que deve ser garantido dentro da escola, podendo ser um importante instrumento pedagógico para fundamentar a legislação em vigor e contribuir de forma incisiva para o conhecimento de aspectos da história e cultura africana, valorizando experiências de educação que tenham o corpo como temática central.

Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de inserir um instrumento capaz de aproximar a cultura afro-brasileira dos jovens, tendo a oportunidade de proporcionar e garantir o conhecimento sobre tal conteúdo dentro da escola contribuindo para a valorização e reconhecimento dessa cultura. Após as muitas lutas do Movimento Negro, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em Janeiro 2003, sanciona a lei nº 10.639 (BRASIL, 2004), que vem como forma de reparar as injustiças sofridas durante toda a história de vida dos negros, e especialmente reconhecer a importância da história e da cultura afro-brasileira na formação da identidade e da cultura nacional. Nessa lei fica determinada a obrigatoriedade de incluir na rede de ensino e especialmente nas séries iniciais o conteúdo da história e da cultura afro-brasileira e africana.

Assim, com essa obrigatoriedade, e na tentativa de aproximação, buscaremos através da dança afro-brasileira, possibilidades de oportunizar vivências através da arte e da cultura afro-brasileira na escola municipal Valtênci Rocha Levi, em Uibaí-BA, com o intuito de aproximar esse público com a cultura afro, cultura esta que vem sendo marginalizada no decorrer da nossa história.

Após levantamentos informais dentro da escola, notamos que a Lei não vem sendo praticada na escola, assim, partimos da ideia de que a cultura negra vem sendo marginalizada por não haver esse incentivo nas ações que venham discutir aspectos étnicos, raciais e sociais nas escolas, discussões estas que possam vir a desmistificar pré-conceitos existentes na sociedade, advindos do pensamento racista colonialista, sendo esse um dos fatores que vem contribuindo para uma manutenção dos preconceitos para com a cultura negra.

Dessa forma, acreditamos que casos de ações racistas e preconceituosas só poderá vir a ser minimizados da sociedade se começarmos uma prática pedagógica na qual se insira, de fato, os conteúdos da cultura africana e afro-brasileira nas aulas como forma de trabalharmos conceitos e ideologias, e desenvolvermos o pensamento político crítico do alunado, contribuindo verdadeiramente para a efetivação da lei em vigor.

Acreditamos também, que é de uma importância tremenda, para nós da comunidade acadêmica, trabalhar questões que permitam assegurar o direito dos nossos alunos de conhecerem e se apropriarem da história e da cultura afro-brasileira e africana que também é deles. Através da dança afro-brasileira poderemos revelar aos nossos alunos uma outra realidade das manifestações negras, nos dando assim, a segurança da importância da inclusão desta cultura nas aulas de Educação Física, já que nós, professores, devemos zelar pela autonomia social, cultural e política dos nossos alunos.

Além disso, essa pesquisa servirá como base para outras pesquisas que venham discutir a dança afro-brasileira e seus benefícios dentro da escola. Devemos enquanto professores pesquisadores procurar aumentar o acervo bibliográfico de pesquisas que contribuam para a inserção dessa arte em sala de aula, já que esta pode contribuir para o trabalho pedagógico e auxilia nas aulas a relação com os sujeitos envolvidos, promovendo o respeito ao próximo e a si mesmo, limite,

companheirismo, coleguismo, satisfação, prazer, entre outros. Contribuindo principalmente para uma formação crítica do alunado. (CARBONERA, 2008).

Dessa forma, entendemos que oportunizando nas aulas de Educação Física escolar a aprendizagem sobre a cultura afro e afro-brasileira, sua trajetória de existência e resistência, será algo de grande valor para toda a sociedade. Além, é claro, de trazer para a escola manifestações culturais que são praticadas no seu próprio entorno social, por muitos ainda desconhecidos, o que aproximará a escola da comunidade.

Dentro desse contexto, trago como problema de pesquisa, de que maneira a dança afro-brasileira pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem em aulas de Educação Física do ensino fundamental II? Fundamentaremos a pesquisa através de leis, artigos e livros que tratam do tema de forma clara e objetiva, os quais servirão de arcabouço teórico; bem como através de fontes orais, uma vez que através desta iremos responder as inquietações da pesquisa.

De acordo com o que foi exposto e a partir do problema levantado, o objetivo da pesquisa será de investigar por meio de intervenções, as implicações da dança afro-brasileira como conteúdo das aulas de educação física escolar, embasando-se na lei nº 10.639 (BRASIL, 2004). Para uma melhor explanação, optamos por incluir dois objetivos específicos, o de descrever aspetos da trajetória dos negros e sua influencia para a formação da cultura brasileira; o de caracterizar a dança-afro brasileira enquanto manifestação didático-pedagógica no ambiente escolar.

O trabalho estar organizado em quatro capítulos, incluindo a metodologia, na sequencia temos o relatório, e por ultimo a conclusão. O primeiro capítulo da pesquisa é intitulado “Trajetória da População Afro no Brasil: Contribuições Para a Formação da Cultura Brasileira”, aqui buscamos situar o leitor sobre a chegada dos negros africanos no Brasil, desde a travessia realizada de forma clandestina em navios, até os períodos subsequentes a sua chegada. Esse capítulo, dividimos em dois sub-tópcos, no primeiro, “Chegada Dos Africanos No Brasil: Uma Síntese”, realizamos um breve relato da chegada dos africanos no Brasil, e toda sua trajetória no país. No segundo sub-tópco, “Hereditariedade Cultural Africana, Constituição Cultural Brasileira”, fazemos um levantamento cultural de descendências africanas ainda praticadas no Brasil, como religião, musica, dança entre outros.

No segundo capítulo, nomeado “Dança Afro-Brasileira Contribuindo para a Formação Identitária, Social e Cultural do Alunado”, fazemos um relato sobre a dança afro-brasileira, e como ela se constitui. Como sub-tópicos temos: “Danças de Origem Afro-brasileira”, aonde fazemos um relato sobre as danças Maculelê, Jango, Dança dos Orixás, entre outras danças de forma breve, descrevendo os locais aonde são praticadas, e de que maneira. E ainda “Dança Afro-Brasileira e o Processo de Ensino-Aprendizagem nas Aulas de Educação Física Escolar”, aonde buscamos descrever como a dança afro-brasileira pode ser utilizada em sala de aula, e como ela contribui para o reconhecimento da cultura afro dentro da escola.

No terceiro e quarto capítulo trazemos o processo metodológico, como se deu o levantamento bibliográfico, e o trabalho de intervenção. Relatório de intervenção, a análise dos questionários utilizados. E por ultimo a conclusão.

2. TRAJETÓRIA DA POPULAÇÃO AFRO NO BRASIL: contribuições para a formação da cultura brasileira

2.1 CHEGADA DOS AFRICANOS NO BRASIL: uma síntese

A história dos negros no nosso país foi marcada por muita tortura, e sofrimento, segundo Querino (2010), os primeiros negros escravizados chegaram ao Brasil em 1538, em uma nau pertencente a um dos primeiros traficantes de escravos do Brasil, Jorge Lopes Bixorda. De acordo com o relato desse memorialista, a travessia feita por essas pessoas foi regada a muita tortura e maus tratos. Os homens, mulheres e crianças eram raptados, vendidos e levados a bordo, às vezes completamente nus, eram então divididos, os adultos tumultuados no convés, e as crianças alojadas em torno do beliche do comandante.

É uma missão quase impossível descrever o quão terrível foi o tráfico de escravos, as torturas e humilhações sofridas, a precariedade das instalações do navio, a má alimentação, falta de água, e o mau cheiro das embarcações. Durante a travessia perdiam-se muitos escravos, muitos se jogavam em alto mar, ou mesmo eram jogados, quando o tráfico passou a ser clandestino a partir de 1850 por determinação da Inglaterra e os traficantes temiam sendo pegos com tal “mercadoria”. Para se ter noção “ para se fazer chegar 65 mil negros ao Brasil, foi preciso arrancar 100 mil da costa da África” (QUERINO, 2010, p 40), sendo que desses 65 mil, quatro ou cinco mil morrem nos dois meses subsequentes à sua chegada.

Os africanos foram sendo arrancado de suas sociedades e divididos no território brasileiro de acordo com as necessidades da colonização portuguesa. Eram especialmente trazidos para a Bahia, que nesse período era a capital da colônia portuguesa, os que mais se adaptaram a nossa terra foram os angolanos, os ie-chá, os congos e os Nagôs. Os africanos foram um grande elemento ou o maior fator da prosperidade econômica do país. “[...] Sendo também o máximo agente diferenciador da raça mista que no fim de dois séculos já afirmaria a sua autonomia e originalidade nacional” (QUERINO, 2010, p. 47).

De acordo com Sansone (2007), o Brasil foi o país que mais recebeu escravos vindos da África. O país deu início ao tráfico negreiro no final do século XV,

encerando essa prática somente em fins do século XIX, tornando-se assim, o país com a maior concentração de descendentes de africanos fora da África.

Sansone (2007), ainda relata que ao chegarem ao Brasil, em sua maioria deixados na Bahia, os africanos eram vendidos e levados como escravos, primeiramente para o trabalho na produção de açúcar, mais tarde nas minas de ouro, e posteriormente nas plantações de café e nas fazendas de gado. Conforme Herbert (1987), a escravidão se tornava um tipo de mão de obra completamente dependente da vontade de seus senhores, na qual a força de trabalho era aumentada com o uso de trabalhadores não parentes, este foi, sem dúvidas, um fator predominante que tornou os escravos africanos tão produtivos.

O Brasil via sua produção de açúcar cada vez aumentando mais, chegando a dominar a produção do mundo ocidental em 1660. De acordo com Herbert, (1987, p. 74).

[...] o aumento da produção de açúcar colocou o Brasil em meados do século XVII como dominante do produto no mercado europeu. E em meados do século XVIII o número de escravizados africanos e nascidos na América engajados na produção de açúcar correspondiam a 1,4 milhões.

Nas fazendas existia a casa grande, onde viviam os senhores, as senzalas ou pequenos casebres de barro ou palha onde viviam os escravos, as plantações de cana e gêneros de primeira necessidade, os engenhos onde acontecia a moenda da cana para a produção de açúcar, e os currais, geralmente povoados de animais de carga. Nas senzalas os negros improvisavam o que comer, com restos de comidas que sobravam da casa grande, e de forma disfarçada, adoravam e festejavam os dias de seus orixás ao redor de fogueiras dançando e cantando para amenizar a dura realidade em que viviam.

Com a insatisfação em que viviam da forma com que eram tratados e as condições de trabalho as qual eram submetidos, muitos homens e mulheres escravizados acabaram se revoltando, organizando fugas para locais isolados, que se opunham fortemente ao sistema escravocrata. Essas fugas originaram os

chamados mocambos ou quilombos, que sobreviveram durante séculos, resistindo à escravidão, algumas inclusive se perpetuaram após a abolição. Essas comunidades hoje chamadas de “quilombolas” têm como principal característica a preocupação com a preservação dos elementos culturais que fazem parte da memória dos seus antepassados.

Esses núcleos recebem com menor impacto os efeitos da cultura de massa difundida através dos meios de comunicação. Entre estes, ressalta-se as comunidades quilombolas do extremo-sul da Bahia. São comunidades que praticam a agricultura familiar, conservam os mesmos hábitos da fabricação artesanal da farinha de mandioca, do beiju e do cultivo de pequenas lavouras de cereais. (ABREU, 2010, p.04).

A fim de amenizar as sequelas causadas pela escravidão, e em especial reconhecer as contribuições dos negros para a criação da nossa identidade, o então presidente Luz Inácio Lula da Silva sancionou em 09 de janeiro de 2003 a Lei 10.639. Essa Lei altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", posteriormente a essa Lei temos a de nº 11.645/08, que acrescenta a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Indígena. Essa lei foi uma grande conquista para a população negra, que buscaram dos governantes que assegurassem os seus direitos, bem como a valorização de sua cultura (BRASIL, 2008). A seguir contextualizaremos algumas manifestações culturais afro-brasileiras.

2.2 HEREDITARIEDADE CULTURAL AFRICANA, CONSTITUIÇÃO CULTURAL BRASILEIRA

2.2.1 ADORAÇÕES E OFERENDAS: sincretismo religioso no Brasil

O sincretismo religioso no Brasil é um fenômeno social complexo que se desenvolve desde a chegada dos portugueses ao país, quando diferentes povos começaram a se encontrar, através do contato intercultural de povos e grupos distintos. Este se configura com a fusão de diferentes doutrinas para a formação de uma nova, seja de caráter filosófico, cultural ou religioso (RIBEIRO, 2012).

Segundo Sousa (2003), o sincretismo religioso no Brasil foi utilizado de forma preconceituosa para definir e caracterizar os cultos de origem africana, realizadas pelos seus descendentes. O culto as religiões africanas eram realizadas em locais conhecidos como terreiros, e a adoração aos seus orixás era feitas de forma sigilosa.

O sincretismo teve como principais causas, a imposição do catolicismo como religião oficial, a obrigatoriedade do batismo e a desarticulação das pessoas, sem falar nas identificações, facilitadas pela representação cromolitográficas (SOUSA, 2003, p. 34).

O culto religioso veio na bagagem dos africanos, cada etnia tinha sua seita religiosa, chegando ao Brasil foram obrigados a se submeter ao batismo católico e sua doutrina. A partir dessa “obrigatoriedade” os escravos foram percebendo a necessidade de adorar santos cristãos, porem, aos poucos foram percebendo que as peculiaridades de suas divindades tinham semelhanças com os santos católicos, o que os permitiu adotar uma forma de cultuar suas divindades sem que os seus “donos” portugueses percebessem. E foi assim que ao Santo Antônio chamaram de Ogum; a São Jorge, Oxóssi; à Santa Ana, Anamburucu; à Santa Barbara, Iansã; São Jerônimo, Baru; a São Bento, Omolum; á Nossa Senhora do Rosário, Iemanjá; a Nossa Senhora da Conceição, Oxum; a São Francisco, Roco, etc. Dessa forma os africanos poderiam adorar sua entidade religiosas sem que fossem recriminados (QUIRINO, 2010).

Sousa (2003) expõe como são comemorados os dias de cada santo, que ocorrem anualmente, a cada ano ganhando mais devotos e os festejos se tornando cada vez maiores. Essas datas, além de serem decretadas como feriado por parte das lideranças políticas locais, são regados a muita música, comida e bebida, mas nisso cada religião festeja seu santo a sua maneira. A cada ano a segregação religiosa vai se quebrando, as fronteiras vão se diluindo, e os devotos acabam se misturando para festejar e adorar seus santos.

Ainda de acordo com Sousa (2003), a festa de Santa Barbara abre o chamado Ciclo de Festas realizadas na cidade de Salvador. Comemorada no dia 4

de dezembro, o louvor a Santa Barbara sai das casas e ganha as ruas, e a cada ano ganha proporções cada vez maiores, onde milhares de pessoas vestem-se de vermelho e branco para homenagear a Santa protetora dos bombeiros e controladora dos os raios e tempestades.

Quatro dias após a festa de Santa Barbara, comemora-se no dia 08 de dezembro a festa de Nossa Senhora da Conceição, onde as pessoas se vestem de branco ou amarelo para cultuar e festejar seu dia. No dia 13 de dezembro temos os festejos de Santa Luzia. Temos ainda os festejos de São Cosme e Damião ou Ibji, que é uma festa de “comes e bebes” oferecida às crianças, “o caruru de sete meninos” festejado no dia 27 de setembro, entre outros. Festeja-se também o dia de Oyá, adoração trazida pelo Yorubás para o Brasil a partir do século XVIII. Oyá tem a função de proteger as mulheres dos mercados e garantir os negócios (SOUSA, 2003).

Temos também a festa do Bonfim, conhecida também como a lavagem do Bonfim, que é a segunda festa mais popular da cidade de Salvador, atraindo muitos turistas, perdendo apenas pra o carnaval; Os festejos de São Lázaro; A festa de Iemanjá, realizada em 2 de fevereiro, a terceira maior festa popular da cidade, também conhecida como a festa do Rio Vermelho, Iemanjá é conhecida como a mãe de todos os Orixás (SOUSA, 2003).

A Chula

Outras formas de manifestações religiosas praticadas entre os afro-brasileiros, e que são realizadas na região de Uibaí é a Chula e o Reisado. Segundo Graeff (2013) o samba de chula é uma manifestação religiosa de canto e improviso, aonde os cantores seguem no ritmo de pandeiros e violas que alteram-se de acordo com o ritmo da musica. Segundo Maria de Demá¹ a maioria das musicas que o grupo de Chula apresenta é de autoria própria e a mais pedida pelos ouvintes é a música “Cidade de Xique-Xique” autoria de Paulo Cobas² e encontra se abaixo em anexo. O Samba Chula ainda é muito comum na Bahia. Este “acontecem em roda, onde também há trocas de energias espirituais entre os tocadores e os donos das

¹ Representante do grupo de Chula de Quixabeira de Uibaí/BA.

² Um dos repentistas do grupo de Chula da Quixabeira.

casas em que acontecem a roda. O samba de chula cumpre um papel especial também dentro do candomblé” (GRAEFF, 2013. p. 13).

O samba de chula foi trazido para a cidade de Uibaí, mais especificadamente para o povoado de Quixabeira, pelos povos das “Matas” da região de Jacobina-Ba, lá eles são conhecidos como “Os Mateiros³”. São afrodescendentes que através de parentesco foram se assimilando e afirmando essa cultura na região.

O Reisado

Segundo o catolicismo o reisado é uma forma de devoção associada ao episódio bíblico da visita dos três Reis Magos ao menino Jesus. É comemorado entre os dias 25 de dezembro a 6 de janeiro. O reisado é realizado por grupos que saem pelas ruas para levarem a benção do Santo Reis podendo sair de sua localidade para outras desde que sejam convidados.

O ritual da visita é baseado numa relação de troca material e espiritual entre os devotos, o dono da casa e o Santo Reis. Os devotos abençoam a casa com cantos sagrados e recebem dinheiro dos seus donos para a realização da festa em homenagem ao Santo, que acontece no final do período de peregrinação. (BRANTES, 2007, p. 25).

O Reisado é praticado no povoado de Uibaí conhecido como Grama, essa manifestação é alimentada por afrodescendentes, e vai passando de geração por geração. O reisado da Grama é muito popular e é apresentado não somente no povoado, mas em todos os lugares onde seus praticantes forem convidados (relatos do organizador do grupo de Reisado da Grama).

Celebração a Beleza Negra Através da Arte

A beleza da arte afro é algo que sem dúvidas merece grande destaque. Os africanos e seus descendentes causaram um importante impacto na rica e variada produção artística e musical do Brasil ao longo da nossa história. Grande parte da musicalidade brasileira é influenciada pela cultura africana. Essa influência está

³ Como foram conhecidos os povos das matas vindo da região de Ipirá, Tapiramutá, Pindobaçu.

presente em muitos estilos musicais: no samba, no pagode, no afoxé e também na música folclórica executada em festivais como o Bumba-meu-boi; outras conhecidas como “música negra” (funk, etc) e as músicas populares brasileira. “Os africanos desempenharam um papel relevante na formação das artes brasileiras de uma forma geral. A música desempenhou um papel especial na comunidade afro-brasileira” (DAVIS, 2000, p. 59).

Ainda de acordo com o autor, os afro-brasileiros sempre estiveram presentes nas comemorações brasileiras, o carnaval baiano apesar de também ser segregado é o principal meio de exposição da cultura africana. Na década de 1970 se destacaram os blocos afro Ilê Aiyê e Olodum e a partir daí, a negritude começa a ser celebrada através de músicas, poesia e dança. Outros grupos nacionalmente conhecidos também procuraram celebrar a negritude como: Cidade Negra; Negritude Júnior. E dois dos compositores e artista brasileiros mais aclamados pela crítica, Caetano Veloso e Gilberto Gil fundaram o movimento Tropicália dos anos 1960, esses atores cantam e dramatizam a beleza negra contribuindo para a afirmação identitária negra e sua valorização (DAVIS, 2000).

Os grupos afro propõem contribuir para a elevação da autoestima da população negra. Nesse sentido o grupo Ilê Ayê realiza anualmente a “Noite da Beleza Negra do Ilê Aiyê”, um evento que exalta a beleza negra, como nunca havia ocorrido. O concurso acontece desde 1975 e elege a Deusa do Ébano, que representará o bloco no carnaval e em todas suas apresentações durante todo o ano, um dos principais requisitos para se eleger é a consciência negra da candidata⁴.

Outros artistas bastante conhecidos nacionalmente também se destacaram a saudar e elevar a beleza negra através da arte musical, dentre eles Margareth Menezes, Daniela Mercury, Carlinhos Brown, entre outros.

As manifestações afro-brasileiras são constituídas de muita música, danças, batuques. Seus instrumentos estão presentes em rodas de capoeira, manifestações religiosas ou de outras naturezas. Os instrumentos musicais que de certa forma são os mais utilizados entre essas manifestações são: berimbau; agogô; caxixi; pandeiro; e o atabaque (SANSONE, 2007).

⁴ Disponível em: <<http://www.ileaiyeoficial.com/noite-da-beleza-negra/>> Acesso em: 02/11/2015.

3. DANÇA AFRO-BRASILEIRA CONTRIBUINDO PARA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA, SOCIAL E CULTURAL DO ALUNADO

As danças negras no Brasil são constituidoras de uma linguagem artística cultural capaz de articular corporalidades associadas aos repertórios tradicionais da cultura afrodescendente e a reinvenção constante dessas matrizes na contemporaneidade.

No Brasil, a história da produção teatral das danças afro tem sido determinada pela atuação singular de cada intérprete, seus desejos e comprometerimentos. Essa linguagem de dança dialoga com nuances particulares da cultura afrodiaspórica, acionando dimensões de negritude em seus fazeres artísticos. (FERRAZ, 2013, p.02 - 03).

As danças afro-brasileiras se caracterizam pelas dramatizações corporais presentes nos seus movimentos, bem como, pelas pinturas corporais e vestimentas usadas em suas apresentações, elas são sempre regadas a muito drama e emoção. De acordo com Ferraz (2012), as danças afro-brasileiras permitem ao dançarino adquirir agilidade para obterem um jogo de controle e descontrole do corpo, uma somatória de experiências que vão além de meros delírios libertinos, improvisação aleatória, histeria descontrolada e êxtase ao acaso. Não podemos vê-la como uma pulsão que se apodera do dançarino. O autor ainda afirma que

Essas concepções são desclassificações dos que ignoram suas particularidades, seja no campo artístico, seja na esfera religiosa, onde a dança ocorre no interior das comunidades de culto. Mesmo quando essa dança está vinculada à liturgia afro-brasileira, suas pulsões são calculadas, conhecidas – o corpo passa por uma preparação, um treinamento, uma iniciação. (FERRAZ, 2012, p. 14).

Através do incentivo em ações que contribuam para o avanço nas discussões culturais africanas, que possam revelar a importância dessas para a formação cultural Brasileira, poderemos garantir um amadurecimento crítico identitário dos nossos alunos. O trabalho com a dança afro dentro de sala de aula vai além de questões teóricas para uma afirmação de identidade. Afirmação esta que vai desde reconhecer sua ancestralidade negra, até aceitar seu estilo e seus cabelos crespos, desconstruindo ideias torpes e estereótipos perversos como o da

existência de “cabelo bom”, (sempre associado a cabelos lisos), e “cabelo ruim” (associado aos cabelos crespos ou encaracolado dos afrodescendentes).

Fazendo essa ligação da dança afro como instrumento educacional, entendemos essa educação como um meio de emancipar culturalmente o “indivíduo”, conforme nos afirma Mészáros (2008), a educação não é uma força ideologicamente primária que fornece uma alternativa de libertar radicalmente o indivíduo, necessita-se com ela de um auxílio dos educandos com o que aprendem. Por meio da educação pode-se construir conhecimento, ciência, bem como humanizar e emancipar os sujeitos, considerando que o conhecimento científico é provisório, pois este se dá em um determinado contexto social, econômico e político. Através do conhecimento podemos emancipar criticamente o alunado tornando-os protagonistas de sua própria história.

O acesso à educação possibilita ao homem diferenciar conhecimento de informação. Pimenta (1996), relata que as informações precisam ser operadas, transformadas em conhecimentos que possam contribuir para o desenvolvimento reflexivo e para a construção permanente de humanização. A autora ressalta ainda que o papel da educação escolar nesse processo deve ser pautado de maneira intencional e sistemática, juntamente com o trabalho de educadores e educandos, ou seja, coletivamente, visando à inserção social crítica e transformadora dos sujeitos.

Seguindo esse pressuposto entendemos que a inserção da dança afro-brasileira nas aulas de Educação Física escolar, trabalhando questões culturais, raciais e de identidade, são informações necessárias para os alunos, informações estas, que serão codificadas e transformadas em conhecimento. Assim, através do conhecimento poderemos tornar nossos alunos autônomos, conhecedores da sua história, sujeitos críticos com uma maior visão de mundo.

Através da dança afro-brasileira, podemos promover de forma dinâmica discussões acerca da religião, do racismo, identidade, cultura entre outros elementos que constitui a cultura afro-brasileira. Assim, a partir da expressividade corpórea podemos contribuir para a efetivação da Lei nº 10.639 que é um direito adquirido através de muito esforço e sofrimento, e que devemos preservá-lo, incentivando e promovendo o conhecimento da cultura afro dentro da escola,

visando uma sociedade mais humanitária e justa, com seus direitos e deveres garantidos pela população e pelos seus representantes políticos.

De acordo com Milan e Soerensen (2011), por meio da dança, poderemos promover reflexão acerca da contribuição africana na formação cultural brasileira, bem como, a contribuição artística, política e intelectual afro, gerando um melhor entendimento sobre a valorização da dança afro-brasileira, facilitando a sua prática na escola, já que a inserção do conteúdo dança encontra sempre muita recusa em sala de aula.

3.1 - DANÇAS DE ORIGEM AFROBRASILEIRA

Maculelê

O maculelê é uma dança guerreira praticada por descendentes de negros escravos africanos, realizada principalmente em Santo Amaro, na Bahia, que teve como principal representante Paulino Almeida de Andrade (Popo)⁵. É uma dança que exige agilidade e destreza praticadas principalmente por homens, jogada com bastões num ritmo marcado por tambores e pelo agogô. Os bastões utilizados são chamados de esgrimas ou grimas. No centro da roda dança o melhor do grupo, que escolhe com quem vai esgrimir⁶.

Dentre as muitas histórias contadas sobre o Maculelé, uma delas relata que o Maculelê foi um negro fugido que tinha doença de pele. Que foi acolhido por uma tribo indígena, entretanto não podia realizar algumas atividades com o grupo, por não ser um índio. Certa vez, toda a tribo saiu para caçar e Maculelê ficou sozinho na aldeia. A aldeia foi invadida por uma tribo rival que aparece para dominar o local, e Maculelê, usando apenas dois bastões, lutou sozinho contra o grupo rival e heroicamente venceu a batalha tornando assim um herói para a tribo⁷.

⁵ Principal representante do Maculelê de Santo Amaro. Nasceu em 15 de março de 1876, e faleceu aos 92 anos em outubro de 1968.

⁶ (Em: <<http://capoeiraexports.blogspot.com.br/2011/01/maculele-origem-e-historia.html>>. Acesso em 02/11/2015).

⁷ (Em: <<http://capoeiraexports.blogspot.com.br/2011/01/maculele-origem-e-historia.html>>. Acesso em 02/11/2015).

O Samba

O samba é uma das dança mais praticadas no Brasil. O samba é composto de passos e movimentos marcados por um compasso conjugado, sincopado, guiado por pandeiros, atabaques, berimbaus, chocalho e viola. De acordo Graeff (2013) o Samba, é uma palavra que indica o evento, a dança, a letra, a música e o conjunto musical que a executa, ele é acenado por muitos como uma entidade substancial – “samba é sangue”, é vida”, “é alegria de viver”, entre outros ditos.

Conforme Lisboa (2010) “contar a história do Samba é contar a história do negro no Brasil, ou vice-versa. O samba surgiu da necessidade deste povo expressar o que vivia; seu passado, sua luta e sua resistência” (LISBOA, 2010. p. 01). Assim, o samba tornou-se um gênero musical, popularmente difundido.

Na Bahia para ser considerado sambista tinham que possuir uma identidade cultural construída de “[...] práticas fortemente marcadas pelas tradições afro-brasileiras combinadas com um ambiente interno contemporâneo extremamente desigual”. CRUZ, 2006, p.78). A autora ainda afirma que o samba através de relações com a história acaba de certa forma se estabelecendo enquanto identidade e expressão de uma cultura (CRUZ, 2006).

O Maracatu

O maracatu é um dos ritmos da tradição afro, hoje ele é difundido em todo o nordeste brasileiro, especialmente nas cidades de Recife e Olinda. É caracterizado principalmente pelas coreografias, as vestimentas e a percussão forte, que teve origem nas congadas, que são cerimônias de coroação dos reis e rainhas dos reinos africanos. Maracatu é uma palavra que designa manifestações culturais bastante diversas entre si (LIMA, 2010).

A manifestação cultural do maracatu é caracterizada pelo coroamento dos reis negros, destacando-se através da música folclórica afro-brasileira, “Portanto, podemos considerar que o maracatu constitui-se por complexos arranjos político-culturais, representando artisticamente a trajetória dos afrodescendentes” (OLIVEIRA, 2011. p. 02).

O Jongo

O jongo é uma dança de origem africana que foi considerada um código de comunicação entre os escravos. Por meio do jongo os escravos contavam através do corpo suas tristezas e sofrimentos⁸.

O jongo ou Caxambu é um ritmo cujas matrizes vieram da região africana do Congo-Angola para o Brasil. Este se apresenta em uma roda, com tocadores de tambores e cantores com seus coros, aonde um casal por vez vai ao centro e faz evoluções circulares sincronizadamente, entremeando os passos da dança com movimentos de “umbigada” (aspas do autor), esses movimentos eram formas de disputas aonde o homem e a mulher disputavam os melhores e o mais garboso da roda. (SILVA, 2016).

DANÇA DOS ORIXÁS

De acordo Lara (2000), o candomblé, enquanto religião afro-brasileira nasce como uma maneira de recompensar as perdas acarretadas pela escravidão no nosso país.

No candombe, as entidades adoradas não são consideradas espíritos de mortos, mas forças da natureza que assumem, por meio das lendas, a forma de reis, rainhas e heróis divinizados. [...] Seus feitos são rememorados pelo ritual através da dança, do canto, da comida, da vestimenta e do ritmo dos atabaques. (LARA, 2000, p. 59).

Ainda segundo Lara (2000), as danças de Orixás são uma das possibilidades temáticas que contribuí para o trabalho direcionando para o humano, para as necessidades de relação eu-tu, e para o reviver mitológico dentro do candomblé, a dança se faz necessária nas aulas de educação Física, pois ela vem constituir parte da cultura do movimento humano.

⁸ (Em <<http://www.turminha.mpf.mp.br/nossa-cultura/cultura-afro-brasileira/dancas-de-origem-africana>>. Acesso em 02/11/2015).

Lara (2000), afirma ainda que as danças nessas apresentações, não são vistas de forma isolada, manifestações expressivas e comunicativas dos rituais religiosos, mas como a forma de relacionar e de encarnar, por meio do ser dançante, o deus, o antepassado e o herói. Nessas danças em questão, não sendo exigidas aptidões para fazê-lo. Após suas observações em terreiros de candomblé, a autora faz os seguintes levantamentos a respeito da organização durante os rituais:

O sistema básico de organização das festas, observadas em terreiros de candomblé, seguem a formação da roda com dança e toque; louvor aos orixás com canto dança e transe; uso de indumentária específica do orixá a ser homenageado na festa; êxtase e transe simultâneos por vários filhos e seus orixás; encerramento litúrgico; comes e bebes. O ritmo dos atabaques dá início à celebração. O pai-de-santo entra dançando em sentido anti-horário e movimentando um adjá. Junto com ele estão as auxiliares de culto e seus filhos e filhas-de-santos por ordem de feitura no candomblé. (LARA, 2000, p.61).

Assim, enteemos que as manifestações religiosas representadas através da dança em terreiros de candombe se caracterizam uniformemente, seguindo uma ordem específica de entrada (pai-de-santo, as auxiliares, os filhos por ordem de feitura) nessa ordem (LARA, 2000).

A Capoeira

A roda de Capoeira, que é considerada também como uma dança afro-brasileira, foi desenvolvida inicialmente no Brasil por escravos africanos como forma de defesa. Durante décadas foi marginalizada e até mesmo proibida de ser praticada, somente na década de 1930 a capoeira foi liberada, e em 1953 apresentadas pelo famoso mestre Bimba⁹ ao então presidente, Getúlio Vargas. A Roda de Capoeira recebeu da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade (Ministério da Cultura, 2011), no dia 26 de outubro de 2014.

⁹ Manoel dos Reis Machado, que ficou conhecido como Mestre Bimba. Nascido em 23 de novembro de 1900. Mestre Bimba foi o criador da chamada capoeira regional, cujo nome original era Luta Regional Baiana. Manoel dos Reis Machado faleceu em 05 de fevereiro de 1974, aos 73 anos.

A capoeira é uma forma de expressão cultural que mistura dança, luta, música e jogo¹⁰. Nesta dança, os capoeiristas encenam golpes e movimentos acompanhados por músicas, formando círculos onde se batem palma no ritmo do berimbau, do agogô, pandeiro, atabaque, e o caxixi, ao som de músicas que trazem em suas letras um pouco da história dos africanos.

Os estilos de capoeira mais conhecidas na Bahia são: a capoeira de Angola, que teve como precursor Vicente Ferreira Pastinha (conhecido como Mestre Pastinha¹¹), que se caracteriza como um estilo de capoeira tradicional, praticada até então de maneira mais gingada e com mais mandinga. E a capoeira Regional, que teve como precursor Manoel dos Reis Machado (conhecido como Mestre Bimba), que é uma capoeira baiana, com passos da capoeira de Angola e mais alguns acrescentados pelo famoso Mestre, baseando-se nas artes marciais, praticada com mais rapidez (SANTOS 1990).

3.2. Dança Afro-Brasileira e o Processo de Ensino-Aprendizagem nas Aulas de Educação Física Escolar

A dança afro-brasileira se configura a partir de um conjunto de diferentes danças e dramatizações, que apresentam em comum à raiz negra africana. Essa dança foi ganhando novos significados e expressões, e se caracterizando como fonte da identidade brasileira diferenciada por sua expressividade corpórea, essa dança permite nas aulas de Educação física um conhecimento rico de história e cultura de um povo, através do movimento corporal expressivo (SILVA, 2004).

Entendemos que as aulas de Educação Física proporcionam aos alunos vivências das mais distintas manifestações culturais e corporais, e que a inclusão da dança afro proporcionaria aos alunos o conhecimento de vários elementos que compõem a cultura afro-brasileira, que devem ser ensinados e garantidos nas escolas pra contribuir com a valorização e reconhecimento desse povo para a formação da nossa cultura (REIS; PEREIRA, 2011).

¹⁰ (Em <http://www.turminha.mpf.mp.br/nossa-cultura/cultura-afro-brasileira/dancas-de-origem-africana>. Acesso em 02/11/2015).

¹¹ Vicente Joaquim Ferreira Pastinha foi um dos principais mestres de Capoeira da história. Mais conhecido por Mestre Pastinha, nasceu em 1889, faleceu em 13 de novembro de 1981, Salvador, Bahia

Segundo as Diretrizes da Educação Física (2008), as aulas de educação física se apresentam como um excelente mecanismo de aproximação dos sujeitos, de relacionamento, convívio e respeito entre as diferentes ideias, e de valorização humana. Sendo essa aproximação um meio conveniente para haver, por parte do professor, o incentivo à valorização da cultura afro-brasileira, usando ao seu favor a proximidade que existe entre o alunado, para agregar através deste conteúdo valores cultural aos sujeitos envolvidos.

De acordo com Reis e Pereira (2011), é possível inserir vários elementos da cultura afro-brasileira dentro das aulas que até hoje exercem grande influencia em nossa sociedade. Entre a música temos o samba, pagode, o reggae entre outras que são bastante divulgada e desenvolvida de forma geral; entre as lutas temos a capoeira regional e de angola; no campo da religiosidade temos a umbanda e entre as danças temos lundu, batuque, ijexá, congadas, jongo, coco e vários outros elementos que podem ser trabalhados nas aulas de Educação Física, pedagogizados e transformados em conhecimentos críticos.

O conteúdo da cultura afro-brasileira tem destaque especial na Lei nº 10.639, que assegura esses assuntos dentro das escolas, porem, nota-se um certo desinteresse das escolas em levar essa discussão pra sala de aula. Milan e Soerensen (2011, p. 02) afirmam que “o silencio das escolas em tratar de assuntos de relações raciais tem permitido aos alunos adotarem uma pretensa superioridade branca”, isso acaba provocando práticas prejudiciais que reforçam a inferioridade dos negros. As questões raciais são um conteúdo que precisa ser discutido em sala de aula, sedo “[...] imprescindível, portanto, reconhecer esse problema e combate-lo no espaço”. (MILAN; SOERENSEN, 2011, p. 02).

Promover o ensino da cultura afro-brasileira dentro da escola é reconhecer e valorizar a participação do povo negro na formação da identidade Brasileira. Assim por meio da dança afro-brasileira, nós professores poderemos promover reflexões sobre a participação africana para a formação cultural brasileira, bem como sua contribuição artística, política e intelectual (MILAN; SOERENSEN, 2011).

Ainda segundo os autores, “ao longo da história e da formação da identidade do povo brasileiro, as formas de danças negras passaram por diferentes fases de desenvolvimento”. (MILAN; SOERENSEN, 2011, p. 3). fazendo-se necessário

aprofundar os estudos a partir de sua origem, contemplando questões raciais, preconceitos e outras formas de discriminação que estão presentes no âmbito escolar, bem como na sociedade em geral. Trabalhar a dança afro-brasileira dentro da escola contribui de forma incisiva para o reconhecimento e valorização de nossas raízes, essa é, sem dúvidas, um dos principais objetivos da inserção desse conteúdo em sala de aula.

A prática da dança na Educação Física deve estar voltada para a expressão criativa e espontânea, para além da recreação ou para o treino de habilidades motoras. A dança como processo educacional é capaz de proporcionar uma perfeita formação corporal, um espírito socializador e um processo criativo e o desenvolvimento dos aspectos éticos e estéticos. Essa prática dançante aparece então, como conteúdo responsável por auxiliar na superação das diferenças corporais, bem como de seus limites (GRANDO; HONORATO, 2008).

Pegando essa ponte da dança como conteúdo educacional, implantaríamos a dança afro-brasileira com o intuito de promover, através desse conteúdo, a valorização e o reconhecimento da cultura para a formação não somente cultural, mas também identitária do povo brasileiro, já que somos um povo miscigenado graças a misturas de povos negros, indígenas e europeus, que juntamente contribuíram para nossa formação. Os elementos da cultura afro-brasileira propõem a contribuição para a nossa afirmação enquanto povo também afrodescendente.

A discussão acerca de manifestações religiosas e culturais que busquem contribuir para o reconhecimento e apropriação da cultura afro-brasileira pode ser um caminho interessante de se repensar as necessidades da população, bem como uma forma de contribuir para a quebra da falsa superioridade branca dentro da escola, engatinhando para uma quebra do preconceito racial e outros tipos de preconceitos, abrindo espaço para reflexões político-sociais críticas, contribuindo para uma autoafirmação cultural do alunado. Nesse caso, partindo do pressuposto que o preconceito é o conceito que criamos daquilo que não conhecemos, e que permitindo o conhecimento da cultura negra nas escolas, proporcionaríamos uma quebra significativa na visão dos alunos sobre as questões raciais.

De acordo com Kleinubing e Saraiva (2009), a falta de afinidade e interesse dos professores na dança, contribui muito para a não efetivação desse conteúdo

dentro da sala de aula, o que limita o acesso dos alunos a esse conteúdo de forma contextualizada e pedagogizada. Infelizmente na contemporaneidade as escolas ainda permanecem propagando um conhecimento tecnicista voltando-se para o conteúdo esportivo, visando às competições exercidas pela escola. Essa prática limita o acervo de conteúdo da Educação Física, e contribui para a ideia que aula de Educação Física é somente jogo de bola. A inserção da dança como conteúdo quebra esse paradigma e abre um leque de outras oportunidades de conhecimento, no caso da dança afro-brasileira temos diversos elementos da cultura corporal que pode ser trabalhado em sala de aula, e que exerce bastante influencia para mudanças na visão dos alunos a respeito da cultura afro.

4. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi dividida em dois momentos. O primeiro momento se constitui do levantamento bibliográfico. E o segundo momento, das intervenções, realizada no período de 13 de julho a 12 de setembro 2015 na escola Valtenci Rocha Levi, nos turnos matutino e vespertino, com as turmas de 6^a, 7^a, e 8^a ano. A seleção das turmas partiu como forma de analisar a diferença entre os anos de ensino e o que cada aluno já tinha de conhecimento sobre a cultura afro-brasileira, e como reagiriam a esse conteúdo em cada série.

Esta pesquisa se caracteriza como pesquisa-ação. Esta representa um tipo de pesquisa social com base empírica, que é concebida em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema, na qual o pesquisador se envolve de forma direta com o objeto a ser pesquisado de forma cooperativa ou participativa (THIOLLENT, 1994). O estudo é de cunho qualitativo uma vez que este corresponde a questões muito particulares, as quais não podem ou não devem ser quantificadas, procurando dar ênfase na qualidade dos resultados obtidos durante a pesquisa (MINAYO, 2010).

Realizamos a pesquisa na escola de ensino fundamental II Valtenci Rocha Levi, localizada na Avenida Presidente Dutra, na Cidade de Uibaí, a uma distância de mais ou menos 226 km de Jacobina. A instituição conta com 11 salas de aulas, todas com ventiladores de teto, um pátio grande onde os alunos passam os momentos de descontração (intervalos), uma biblioteca, uma sala de vídeo e também uma sala de informática. Também dispõe de cerca de 22 docentes, sendo destes, um professor de Educação Física graduado, e um que atua na área, mas não tem graduação. A escola funciona nos turnos matutino e vespertino, das 7:15 as 11:40 e das 13:30 as 17:30, atendendo cerca de 487 alunos, abrangendo os ensinos fundamentais e o EJA. As aulas ocorreram na sala de vídeo que conta com um data show e uma caixa amplificada, infelizmente a sala não se encontrava em condições para aulas de dança, já que esse não era um conteúdo trabalhado na escola.

Trabalhamos com os alunos do ensino fundamental II da escola na faixa etária de 11 a 17 anos, mais especificadamente nas turmas do 6^o, 7^a e 8^a, nos turnos matutino e vespertino. Como critério de inclusão, realizamos as intervenções com os

alunos matriculados regularmente no ensino fundamental II, na faixa etária de 11 a 17 anos, estudantes do 6º, 7º, 8º ano nos turnos matutino e vespertino, e que se disponibilizaram a participar da pesquisa. Ressaltando que só participaram das aulas de dança aqueles alunos que se disponibilizaram, para que não houvesse nem um tipo de coibição. E como critério de exclusão de participantes da pesquisa, ficou definida principalmente a assiduidade dos estudantes envolvidos durante as intervenções, já que estas são de suma importância para o sucesso do projeto em questão.

Aplicamos alguns questionários com opções de respostas abertas direcionadas para o corpo docente de Educação Física da escola, com questões pré-elaboradas pela pesquisadora, com cerca de 7 a 10 questões acerca de como é trabalhada a dança e a dança afro-brasileira nas aulas, e como são trabalhadas questões da cultura afro-brasileira nas aulas de educação física escolar, se é que estas atividades e temas são contempladas na prática pedagógica desses profissionais e da própria escola.

Esse questionário também foi aplicado aos alunos, antes e após as intervenções, com cerca de 7 a 10 questões sobre como eles veem a dança nas aulas de Educação Física escolar, como veem a dança de matriz afro-brasileira, e o que entendem sobre dança afro. Aplicamos o primeiro questionário no primeiro dia de intervenção e o segundo no final da intervenção, já que se pretendeu analisar a mudança ocorrida na visão dos alunos sobre a dança afro-brasileira advinda das intervenções, na sequência foi feita uma análise entre as respostas. As intervenções foram livres para o acesso dos alunos que se dispuserem a participar da pesquisa, respeitando a disponibilidade, participação e interesse dos alunos nas aulas.

Os questionários foram elaborados pela pesquisadora e se encontram abaixo em apêndice. E também foi seguido um roteiro de observação e um diário de bordo. As intervenções foram executadas no segundo semestre de 2015, onde foram divididas em três intervenções semanais, durante mais ou menos três meses.

Após a autorização da direção para realizar a pesquisa na escola, fizemos um primeiro contato com o corpo docente de EF da escola, onde combinamos dias e horários para as intervenções, e agendamos a aplicação dos questionários. Posteriormente a esse contato com os professores, realizamos algumas

observações durante as aulas, e depois, com autorização dos mesmos, damos início a aproximação com a turma, onde passamos o questionário, e só depois de obtidas as respostas, fazemos as intervenções.

Realizamos uma análise de conteúdo com base em Franco (2008), ele afirma que análise de conteúdo é um conjunto de análise de comunicação, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a dedução de conhecimentos relativos às condições da produção recepção desta mensagem.

Foram respeitados os princípios da autonomia, da beneficência, da não maleficência, da justiça e equidade, quando os sujeitos foram informados pelo pesquisador sobre os objetivos do estudo e foram coletados os dados após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que segue rigorosamente a resolução 466/12.

5. RELATÓRIO DE INTERVENÇÃO

As aulas tiveram início no dia 13 de julho de 2015, iniciamos com uma apresentação de slide onde expusemos a proposta das intervenções. Em seguida entregamos os termos de Consentimento Livre e Esclarecidos, que foram devidamente lidos e assinados pelos alunos. Entregamos um questionário com sete (7) questões a respeito da dança afro-brasileira e de sua inserção nas aulas de Educação Física escolar. Fizemos também uma roda de conversa, seguindo o padrão de um grupo focal, levantamos e debatemos questões voltadas para a cultura afro-brasileira, questões raciais, religiosas e de preconceitos em geral. Concluímos as intervenções no dia 12 de setembro de 2015 com um evento em praça pública, um momento de socialização com a comunidade acerca do que foi desenvolvido em sala de aula. O evento contou com a participação de grupos locais de capoeira e chula, artista da terra, e com a contribuição da Secretaria de Educação, Cultura e Lazer da Cidade de Uibai-BA.

Na fase inicial o objetivo da roda de conversa e do questionário foi de avaliar a aproximação da turma com a temática, e a partir desse ponto iniciar as intervenções. Trabalhamos com as turmas do 6º, 7º e 8º ano, no intuito de analisar o nível de aprendizado a respeito do conteúdo em diferentes estágios da educação. Nesse primeiro contato observou-se um enorme preconceito quanto às questões afro, bem como uma falta de interesse pelo conteúdo. Assim, tivemos que realizar as intervenções com a dança para aqueles que se dispusesse a participar e contribuir para o aprendizado. Infelizmente a escola não tem um espaço adequado para as aulas de dança, e tivemos muitas vezes que improvisar, a maioria das aulas eram realizadas na sala de vídeo, que contava com caixa de som e data show, porém a sala era utilizada por todos os professores, e não podia ser reservada, então muitas vezes tínhamos que improvisar uma sala de aula, o que acabava limitando muito o desenrolar das aulas.

Observamos ainda, que a turma que mais demonstrou interesse e um pouco de conhecimento sobre o conteúdo foi a do 6º ano, acreditamos que por estarem em uma fase onde os hormônios estão à flor da pele, as outras turmas estavam mais inquietas e menos atentas a temática. Algo que chamou a atenção na fala de um aluno a respeito da religião e dos preconceitos, ainda mais por este ser negro, é que

ele mais do que qualquer um, agia sempre com brincadeiras e piadas preconceituosas, dizendo que “candomblé é coisa de macumba”, e que “negro é bicho doido”, típicas piada intolerantes e segregadoras. Na margem oposta, uma aluna que nomearemos de Aluna A, de pele “branca”, apresentando uma mentalidade muito aberta, fruto de uma educação trazida provavelmente do lar (o que só reforça a ideia de que a educação é construída primeiramente em casa, e que o seu incentivo não deve se limitar a escola) afirmou em uma de suas falas o seguinte comentário quanto a sua cor: Aluna A “Pró, apesar de ter a pele branca, eu me considero negra, porque a avó de minha vó era escrava, e tenho traços de negros como meu nariz, e os meus cabelos”.

No segundo dia de intervenção tivemos uma aula teórica a respeito da cultura afro-brasileira, fazendo uma breve contextualização da chegada dos negros ao Brasil. O objetivo foi promover, sinteticamente, o conhecimento da história dos negros no país, desde sua chegada até os dias atuais, bem como a contribuição dessa cultura para a formação da identidade e da própria nação brasileira. Discutimos questões sobre preconceito racial, trazendo relatos de casos atuais de discriminação, através de vídeos que abordavam casos desse tipo de discriminação. Também discutimos a questão da identidade, demonstrando que ser negro vai além da cor da pele e do cabelo crespo, e que não é ter a pele branca ou preta que define sua etnicidade.

Após a discussão, passamos o vídeo com o trecho do filme “Amistad” dirigido pelo diretor norte-americano Steven Spielberg (AMISTAD, 1997), acrescentado do poema de Castro Alves “Navio Negreiro” (ALVES, 1868), por ser o único filme encontrado que apresentasse a travessias dos escravos africanos. E por último, trabalhamos a música da banda carioca O Rappa, “Todo Camburão tem um pouco de Navio Negreiro”. Em seguida dividimos a turma em quatro (4) grupos de mais ou menos quatro (4) pessoas cada grupo, a avaliação desta aula ficou organizada através desses grupos, que ficaram responsáveis por apresentar, em forma de dramatização, as cenas do vídeo e uma coreografia da música do Rappa.

Na aula seguinte demos início aos passos da dança afro-brasileira, com posição de braços e pernas, movimentos de cabeça, ombro e do corpo como um todo. Realizamos os movimentos por partes, usamos a dinâmica da maça de

modelar, aonde o aluno teria que imaginar uma massinha de modelar, pegar um pedaço dessa massinha e começar a amassa-la com as mãos. Em seguida teriam que imaginar o mesmo movimento realizado de amassamento com o corpo, com o objetivo de facilitar o movimento. Após essa dinâmica, dividimos a turma em dupla aonde todos os movimentos teriam que ser realizado simultaneamente, e juntos, um facilitando o movimento para o outro, com o objetivo, de promover o companheirismo, a confiança, e o respeito ao limite de cada colega.

Posteriormente a essa aula de introdução aos passos da dança afro-brasileira fizemos uma divisão das principais danças que trabalharíamos nas aulas, a primeira foi a dança dos orixás. Nessa aula falamos um pouco sobre a religião afro-brasileira, trabalhando com imagens de cultos africanos, que mostravam o momento em que as entidades se manifestavam, para isso utilizamos algumas fotos do fotógrafo Pierre Verger presentes na obra “Orixas”, vídeos retratando a religiosidade afro e algumas apresentações religiosas. Antes das apresentações de vídeos e fotos fizemos um pequeno debate sobre as religiões afro-brasileiras, com o intuito de conhecer o que, de antemão, elas entendiam a respeito. Assim, como já era de se esperar, os relatos foram todos cheios de preconceitos, alguns até relatavam sentir medo. Foram perguntados ainda se já tinham presenciado algum desses encontros religiosos, ao passo em que alguns relataram que sim, outros Aluno B, C citaram haver terreiros próximos à suas casas, e que sempre escutavam “gritarias” e “muito barulho vindo de lá”.

Após essa aula teórica sobre religião, partimos para a prática, com alguns passos da dança dos orixás, onde cada orixá tem um movimento de braço e perna específicos, a depender do orixá que o “pai ou mãe de santo¹²” incorpora, seus movimentos podem ser mais lentos ou mais rápidos. A dança dos orixá é um tipo de dança em que seus movimentos advém dos movimentos dos orixás, podendo ser praticada por todos e nos mais diferentes ambientes. Iniciamos com o passo ijexá que é o passo base para todas as outras dança afro Nessa aula infelizmente houve alguns alunos que não quiseram participar, por mais debatida que tenha sido a temática ela não foi suficiente para fazê-los compreender o que é a dança dos orixás, sua beleza e importância, nem tão pouco o que é a religião afro-brasileira.

¹² Entre outras nomenclaturas esse nome também é dado à pessoa que recebe o orixá, a entidade.

Posteriormente as danças dos orixás, trabalhamos o samba de roda, a chula, e outros estilos musicais. A partir daí começamos a montar algumas coreografias que apresentaríamos no encerramento das intervenções. Coreografamos as seguintes músicas: “Ilê Pérola Negra” - Daniela Mercury, “Sons dos Tribais” – da banda Timbalada, “Vem Meu Amor” da banda Olodum, e “Tumbatá”, do Cantor Magary Lord. Fomos convidados ainda a nos apresentar no encerramento dos jogos escolares, e no desfile do aniversário da cidade de Uibaí.

Realizamos ainda, uma oficina de turbantes realizada com o intuito de incentivar momentos de confecções de elementos que compõem parte da estética afro-brasileira. A oficina serviu também para o encerramento, pois foram usados durante as apresentações. Aprendemos três amarrados de turbante e tiveram um aceitação super positivo por parte dos alunos. Os turbantes foram feitos de TNT, que conseguimos na própria escola, e as cores foram opcionais.

Por fim, foram confeccionados o figurino para as apresentações com “sacos de cebola” (como são chamados os sacos vermelhos), construímos as saias, e com TNT preto fizemos as blusas. Para os meninos, o figurino foi somente uma calça branca de capoeira com pinturas seguindo padrões da Banda Olodum, nas meninas no corpo. Em seguida, com o término das intervenções, passamos outros dois questionários, o mesmo que foi passado no início das intervenções e um novo, todos construídos pela pesquisadora e encontram-se abaixo em anexo.

A culminância das intervenções resultou em um evento na praça Marinho de Carvalho da Cidade de Uibaí. Um momento de socializar com a comunidade uibaience os trabalhos realizados durante o período. O evento “Quantas Cores Cabem em uma Cultura?”, foi fruto das intervenções, e contou com a ajuda da Secretaria De esporte, Cultura e Lazer, e com artistas da terra, que aceitaram o convite para se apresentarem no evento e contribuir para o reconhecimento da cultura afro-brasileira que existe na cidade. Tivemos além das apresentações coreográfica da turma, as apresentações dos grupos de Chula e Capoeira, e a participação de artista da terra com repertório todo voltado para a temática afro.

Esse período de trabalho, apesar de pouco tempo, notamos uma significativa mudança no comportamento dos alunos, na forma de ver a cultura afro-brasileira, de

assumi-la e reconhece-la enquanto fator predominante para a formação da cultura, economia e da sociedade brasileira.

5.1 ANÁLISES DOS QUESTIONÁRIOS

Neste capítulo, os dados obtidos partiram da seguinte ordem: o total de participantes da pesquisa de acordo com cada série, o gênero predominante, e a média de idade.

Participaram da pesquisa 20 alunos, destes, 4 a 5 alunos das turmas de 6º, 7º 8º ano do ensino fundamental II. No que se refere ao gênero, os alunos predominante na pesquisa eram do sexo feminino cerca de 13, eram do sexo feminino e 07 do sexo masculino. Em relação à média de idade dos sujeitos, o mais novo possui 12 anos e o mais velho possui 14 anos. A análise foi obtida através dos questionários que serão explicados com mais detalhes a baixo.

1º Questionário - Entregue antes das intervenções.

As questões foram voltadas para o conteúdo dança e a dança afro-brasileira, a esse respeito os alunos foram questionados sobre a inserção da dança nas aulas de Educação física, observamos que não houve um consenso nas respostas obtidas. Alguns respondiam que sim, conforme a fala dos alunos A [“Eu acho ótimo, pois além de ser um exercício físico, apreendemos sobre a dança”]. Aluno B [“Adoro dançar, e pra mim seria perfeito”]. Enquanto outros discordaram, aluno C [“Não gosto de dançar, prefiro jogar bola”], aluno D [“Não gosto de dançar”].

Questionamos ainda, como se identificam quanto a sua cor e porque, de acordo com as resposta a maioria se consideravam pretos, enquanto somente um se considerava branco, e um pardo, Aluno A [“Sou de cor branca, porque toda minha família é branca”], Aluno B [“Sou pardo, porque essa é minha cor”]. Porem uma das respostas mostrou em uma aluna um breve conhecimento da cultura negra, conhecimento esse, vindo de casa. Ao ser questionado sobre sua cor ela relata: Aluno C [“apesar de ter a pele branca, me considero negra, pois a minha bisavó era negra, e tenho traços de negros, como cabelo e nariz”].

Foram questionados sobre o que entendiam a respeito da cultura afro-brasileira? E qual a opinião deles sobre a inclusão desse conteúdo nas aulas de EF. As respostas foram todas incoerentes, com total falta de conhecimento, conforme as falas dos alunos D [“Que é uma cultura dos negros, que adoravam seus deuses com a dança”], Aluno E [“É uma cultura de dança, de poucas roupas, elencos etc”], Aluno F [“Não entendo muita coisa não, mas sei que são pessoas de bem, e que sofrem muito preconceito só porque é negro”].

Questionamos sobre a opinião deles, a respeito da importância da cultura afro-brasileira nas aulas de EF escolar? E se a escola vem trabalhando questões da cultura afro-brasileira nas aulas? E Quais eram. Notamos além da falta de interesse e de conhecimento dos alunos há um déficit muito grande na contribuição da escola, para o processo de inclusão desses conteúdos na escola. As respostas obtidas foram vagas e unanimemente relatavam a não contribuição da escola em trabalhar esses aspectos. Segundo relatam os alunos A [“Sim, porque vai ajudar a acabar o bullying e as brigas. Não, nenhuma”]. Aluno B [“Porque conhecemos mais sobre as danças e sobre a cultura negra. Só no dia da consciência negra.”] Aluno E [“Aprender mais sobre a cultura dos negros. Eu não conheço nenhuma dança, e não me lembro da escola trabalhar nada sobre isso, só na consciência negra”].

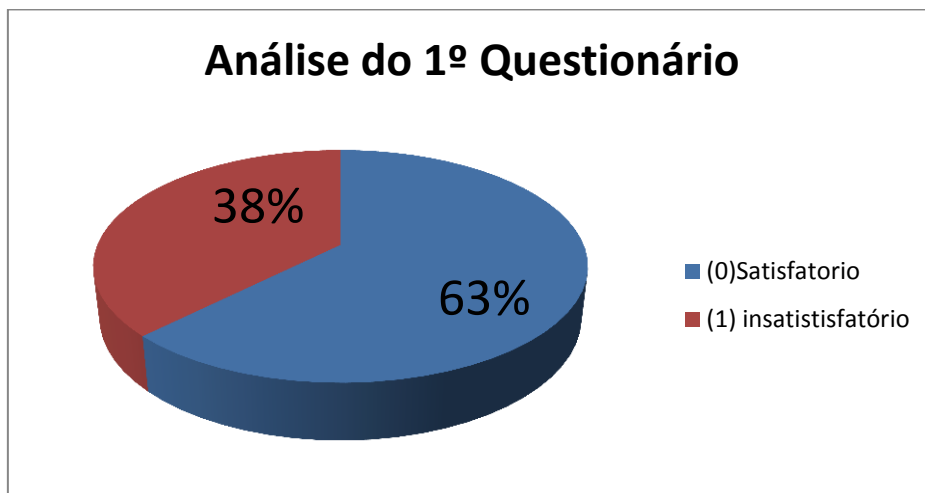
Solicitamos que os alunos citassem três danças afro-brasileira que eles conhecessem. E indagamos ainda, se eles se identificam com estes tipos de danças e manifestações? E Por quê. As respostas foram mecânicas e vazias, Aluno D [“Nenhuma. Sim, porque é do meu povo”]. Aluno E [“Nenhuma. Sim, gosto de dançar, e acho muito bonito”]. [“Conheço a capoeira. Sim, porque gosto muito da cultura dos negros”].

O primeiro questionário foi entregue aos alunos, antes das intervenções com o intuito de analisar o nível de conhecimento a respeito da cultura afro-brasileira, bem como o nível de preconceito do alunando a respeito desse conteúdo. Como observado no questionário acima a turma se mostrou muito preconceituosa, e com pouco conhecimento. E observamos também pouco incentivo por parte da escola, em assegurar esse conteúdo nas aulas, promovendo além de aulas teóricas, conteúdos práticos e eventos que busquem ampliar as discussões da cultura negra, e suas contribuições para a formação da cultura nacional brasileira. De acordo as

respostas, a escola somente se atenta a esse respeito no dia da consciência negra, e com práticas bem insatisfatórias, que não abrange de forma aprofundada a cultura afro e suas manifestações.

Para uma melhor explicação optamos por incluir gráficos representando o nível de satisfação ou insatisfação da pesquisadora em relação às respostas obtidas.

GRÁFICO N° 1.



Como observado no gráfico acima, representando as respostas do primeiro questionário, avaliamos 63% satisfatórias e 38 % das respostas insatisfatórias. Demonstrando a falta de conhecimento das turmas em geral, bem como a falta de incentivo da escola, comprovando ainda, que mesmo com a obrigatoriedade desse conteúdo pela Lei nº 10.639, este ainda não vem sendo de fato inserida nas escolas. O que sugere uma pesquisa mais minuciosa a esse respeito aonde buscariam das Secretarias de Educação o porquê da não efetivação desse conteúdo, gerando ai uma nova pesquisa de campo.

Essa premissa ratifica a importância da inserção de conteúdos que efetive a lei em vigor, para que haja níveis de mudanças no que se refere a valorização cultural negra, e a diminuição do preconceito, já que, o preconceito é um conceito que criamos de algo que ainda não conhecemos.

2º QUESTIONÁRIO - ENTREGUE APÓS AS INTERVENÇÕES.

Foram novamente questionados sobre a opinião de cada aluno sobre a dança nas aulas de EF escolar. As respostas foram em sua maioria bem mais elaborada com maiores argumentos, e conhecimentos. A esse respeito os alunos responderam: Aluno A [“Acho que é necessário, já que também é um conteúdo da Educação Física”]; Alunos B [“Muito gratificante, gostei muito das aulas, e gosto muito de dançar”]. Aluno C [“Pra mim, foi uma experiência muito nova, que gostei muito, apesar de não saber dançar”]; Aluno D [“Legal, adorei, amo dançar, e a professora é maravilhosa”].

Questionamos também, como se identificam quanto a sua cor e por que. As respostas foram significativamente superiores ao primeiro questionário. As respostas foram: aluno A [“Preto, porque sou bisneta de descendente de escravo, e tenho traços como o nariz e os cabelos”]; Aluno B [“Preta, Porque minha família é toda de negros”]. Aluno C [“Pardo, mistura da minha família, meu pai é branco, e minha mãe é preta, e nasci eu, pardo”]; Aluno D [“Branco, puxei a família de minha mãe que são todos brancos de olhos azuis”].

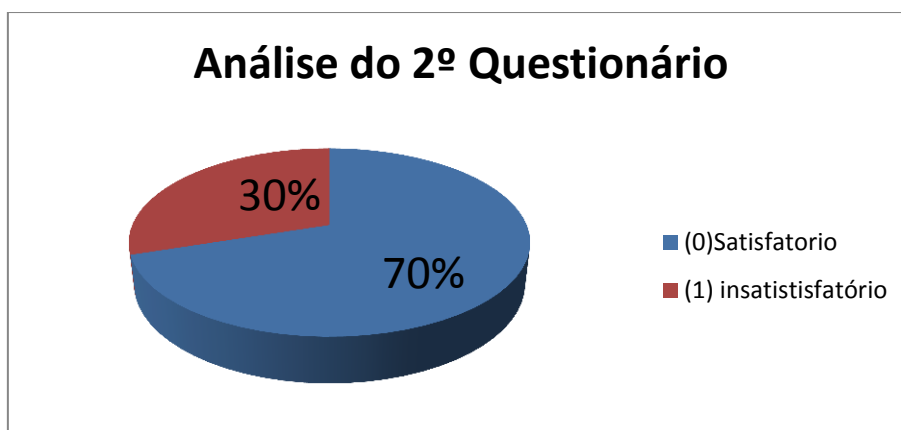
Foram questionados sobre o que entendiam a respeito da cultura afro-brasileira? E qual a opinião deles sobre a inclusão desse conteúdo nas aulas de EF após as intervenções. As respostas foram visivelmente melhor do que a do primeiro questionário, conforme podemos ver nas respostas dos alunos: Aluno A [“Que é a cultura dos negros no Brasil. E acho necessário sua inclusão para garantir a valorização da nossa cultura”]; aluno B [“Que é uma cultura cheia de belezas, e que infelizmente é discriminada pela sociedade”]; Aluno C [“É a história de um povo negro trazidos para o Brasil, e que aqui conheceu outros povos e se misturaram. Acho que deve ser incluído nas aulas para conhecer melhor essa cultura”]. Aluno D [“Acho muito importante pra gente conhecer mais sobre essa cultura. A cultura do povo negro no Brasil, herança dos africanos e dos brasileiros, temos a comida, estilos, danças, religião e outras coisas”]. Aluno E [“Necessária porque não conhecemos quase nada dessa cultura só agora”].

Foram questionados sobre a opinião deles, a respeito de qual a importância da cultura afro-brasileira nas aulas de EF escolar? E se a escola vem trabalhando questões da cultura afro-brasileira nas aulas? E Quais? Houve concordância a

respeito do trabalho da escola, percebendo o interesse apenas na semana da consciência negra. E sobre o objetivo da cultura afro-brasileira em sala de aula, de acordo com as repostas a seguir: Aluno A [“Valorizar e reconhecer a cultura dos negros. A escola faz o dia da consciência negra, com eventos”]; Aluno B[“Necessário para que todos conheça nossa cultura. Sim, no dia da consciência negra”]; Aluno C [“Seria muito legal, para diminuir o preconceito dessa cultura. Sim, mas só em novembro no dia da consciência negra”]; Aluno D [“Fazer com que todos conheçam a cultura dos negros e a sua importância para nós. Sim, Consciência negra”].

Foram solicitados a citarem três manifestações afro-brasileiras que eles, conhecessem. E indagamos ainda, se eles se identificam com estes tipos de danças e manifestações? E Por quê. As respostas foram consideradas bastante satisfatórias. De acordo com os alunos: Aluno A [“Capoeira, maracatu, dança dos orixás. Sim, gostei muito da experiência”]; Aluno B [“A chula, capoeira, dança dos orixás. Sim, Gostei muito das aulas e da professora”] aluno C [“Capoeira, danças dos orixás. Sim, pois é o único jeito das pessoas olharem para a gente de um jeito diferente”] Aluno D [“Já conhecia a capoeira, e agora conheço a dança dos orixás. Sim, gostei muito de conhecer um pouco mais sobre a história dos negros e sua cultura”].

GRÁFICO N° 2.



De acordo com o gráfico 2, a partir das respostas obtidas e de acordo com a análise concluímos que as intervenções foram em sua maioria analisada positivamente, através das respostas, pudemos perceber que houve sim, se não por todos, mas pela maioria, uma melhora significativa na compreensão do que é a cultura afro-brasileira, e da sua importância para a formação da nossa cultura,

posteriormente compreender que o reconhecimento da contribuição dos negros africanos para a formação da população brasileira, é reconhecer que esta, é a melhor forma de quebrar com a cultura de preconceito racial que perpetua até hoje e reconhecer a nossa etnicidade.

Os resultados que comprova essas expressivas mudanças mostram que 70% das respostas foram satisfatórias na visão da pesquisadora, e apenas 30% consideradas insatisfatórias. Um percentual bastante positivo, para o propósito das intervenções. Que apesar de sofrer muita resistência para a sua implantação, a dança afro-brasileira contribui de forma positiva para mudanças comportamentais, assim como mudanças na compreensão bem como, na visão do alunado a respeito da cultura afro-brasileira.

3º QUESTIONÁRIO - ENTREGUE APÓS AS INTERVENÇÕES.

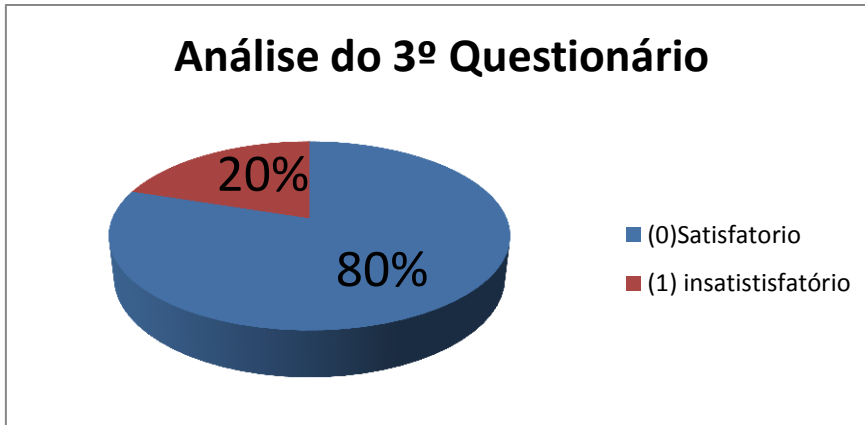
Questionamos se os alunos participavam com frequência das aulas de Educação Física antes do projeto? E se já faziam aulas de dança anteriormente ao projeto? Unanimemente as respostas foram sim, que participavam das aulas de Educação física antes do projeto. E Não, que não participavam de aulas de dança. Nessa questão apenas uma resposta que não participava das aulas com frequência. E duas alunas responderam que faziam aula de dança. Aluno C ["Sim, Balé"]; Aluna D ["Não participo das aulas com frequência. Sim, Balé"].

Indagamos sobre o que tinham achado da realização das aulas de Dança afro-brasileira? O que mais gostaram da aula? E O que menos gostaram. As respostas foram sinceras e bem seguras, a esse respeito às respostas foram: Aluno A ["Foi muito bom, pois eu não conhecia muito esse ritmo de dança. Aprender a dançar"]; Aluno B ["Gostei muito, algo muito novo, e com muitos movimentos. Das coreografias e da professora, ela é muito legal"]; Aluno C ["Adorei, por mim não acabava mais. Das danças e da professora"] Aluno D ["Gostei muito da aula, porque elas contribuíram para meu aprendizado. das danças dos orixás"].

Perguntamos ainda se gostaria que as aulas continuassem a ser realizadas? E por quê? Responderam oram bem satisfatórias, conforme as respostas dos alunos: Aluno A ["Sim, porque gostei das aulas e da professora"]; Aluno B ["Sim,

porque a professora é legal e as aulas são muito importantes e quero aprender mais”]; Aluno C [“Sim, porque gostei da dança afro-brasileira”]; Aluno D [“Sim, pois acho importante incluir a cultura negra em nossa escola”].

GRÁFICO N° 3



O gráfico 3 representa os resultados do 3º questionário, esse quase todos os alunos se dispuseram a participar no preenchimento do questionário, segundo eles somente para deixarem uma mensagem para a professora. Porém a participação foi unanimemente feminina. Nesse questionário as respostas foram muito positivas, tanto nas questões voltadas para a cultura afro-brasileira, quanto nas questões voltadas para a intervenção. Nessa análise obtivemos 80% das respostas satisfatórias, contra 20% consideradas insatisfatórias.

A partir da análise dos questionários, podemos perceber que as aulas foram muito relevantes para os alunos, eles se mostraram bem a vontade com a temática e muito seguros. Inicialmente estavam meio apreensivos e houve uma recusa a trabalhar, não somente por ser “dança afro”, mas por ser “a dança” como um todo. Porém, com o passar dos dias a turma começou se abrindo para a temática, e juntos realizamos um ótimo trabalho que foi reconhecido por toda a escola, mais principalmente, foi reconhecido pelos próprios alunos. Foram gritantes as mudanças da turma ao final das intervenções.

4º QUESTIONÁRIO - ENTREGUE PARA O PROFESSOR

O questionário entregue ao professor de Educação Física da escola, foi avaliado de acordo ao seu trabalho, tendo como conteúdo a dança, e como ele avalia o

conteúdo da dança afro-brasileira nas aulas. O professor atua na área há 19 anos, e foi questionado sobre os conteúdos ministrados, se já havia trabalhado outros conteúdos que não fossem relacionados aos esportes coletivos, bem como a sua opinião sobre a dança nas aulas de Educação Física. O professor relata que: [“Sim, já trabalhei com atletismo, e jogos lúdicos. Acho que seria muito bom, mas a nossa realidade é outra, não temos espaços adequados, dificuldades com os meninos, falta de conhecimento do professor”].

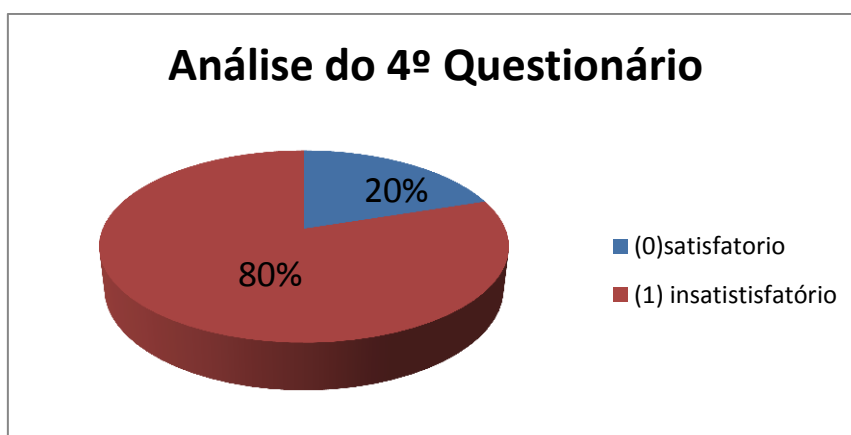
Questionamos ainda, como questões da cultura afro-brasileira vinha sendo contemplada nas suas aulas. E se julgava necessário trabalhar essas questões com o alunado. [“Não. Sim inclusive na nossa comunidade escolar há várias crianças que participam de capoeira e outros projetos que o governo federal banca (Mais Educação)”].

Foi indagado, em sua opinião, qual importância de se trabalhar conteúdos da cultura afro-brasileira nas aulas de Educação Física. O professor fala que: [“Não tenho uma opinião formada a esse respeito. Sempre ou quase sempre trabalhei com esportes, visando às competições que a escola participa”].

Questionamos se a dança afro-brasileira seria capaz de quebrar paradigmas e preconceitos quanto à cultura negra, contribuindo para a formação do indivíduo. Ele afirma que: [“Sim, mais não tenho aproximação com a temática”].

Solicitamos que o professor citasse algumas manifestações da cultura afro-brasileira que fosse do seu conhecimento conhecesse. [“Capoeira, Candomblé, Musica (reggae), Folclore, Culinária etc”].

GRÁFICO N° 4



O gráfico 4 representa os resultados do 4º questionário entregue para o professor de Educação Física da escola. Os resultados obtidos confirmam a afirmação de Kleinubing e Saraiva (2009), a respeito do motivo pelo qual a inserção da dança é algo tão inacessível aos alunos. Segundo o questionário o professor não tem afinidade com a prática da dança, preferindo os esportes, (vôlei, futsal, basquete, handebol), o que limita as possibilidades de conteúdo da área.

De acordo com o gráfico, o professor concorda que a dança afro-brasileira pode contribuir no ensino dos conteúdos voltados para a cultura afro-brasileira, porém não trabalha nada que venha a acrescentar a esse conteúdo nas suas aulas. Procuramos analisar a visão do professor a respeito da inserção da dança afro-brasileira, e como ele vem trabalhando questões dessa cultura nas suas aulas e se julga necessário esse conteúdo nas aulas. Assim, as respostas obtidas no gráfico acima foram: 80% das respostas insatisfatórias, e 20 % da resposta foram consideradas satisfatórias.

5.2. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Entendemos a educação como uma forma de permitir que os nossos alunos se tornem sujeitos autônomos, com pensamentos e ideias próprias. Essa educação segundo Mészáros (2008) é realizada com a troca de conhecimento que há do aluno com o professor e com o que está sendo ensinado. Por meio da educação podemos emancipar criticamente o aluno em relação à cultura afro-brasileira, contribuindo para o conhecimento e valorização desse conteúdo.

De acordo com Pimenta (1996), todas as informações precisam ser codificadas e transformadas em conhecimentos. Esse conhecimento tem o papel de contribuir para o desenvolvimento reflexivo e para possíveis mudanças sociais, sendo essas mudanças segundo a autora, o papel fundamental da educação escolar visando à inserção social crítica e transformadora dos sujeitos.

Com base nessas informações entendemos que é na escola que devemos visar todos os nossos esforços visando a formação de uma sociedade mais humanitária, com direitos e deveres igualmente divididos. Contribuindo com a efetivação da Lei nº 10.639 através da dança afro-brasileira em sala de aula, estamos permitindo aos alunos informações que serão devidamente codificadas e

transformadas em conhecimento (PIMENTA,1996). Pretendemos assim, levar o conteúdo de dança afro para sala de aula, pois mesmo sendo um conteúdo relativamente novo para eles, acabaria emancipando os alunos criticamente, permitindo-os agir e pensar com autonomia sobre tal conhecimento.

Durante as intervenções e a partir de relatos da comunidade escolar como um todo, notamos que a dança nem sempre encontra espaço nas aulas, e quando ocorrem são em datas específicas, o que confirma os resultados de algumas pesquisas que buscam discutir a inserção da dança nas aulas de Educação Física escolar, em muitos momentos acabam se complementando chegando em muitos casos a concordarem em determinados pontos, como nos momentos em que as danças acontecem nas escolas.

De acordo com Silva (2013), as práticas da dança se torna mais evidente em períodos de festas juninas. A esse respeito Souza, 2014 em sua pesquisa também encontra essa realidade dentro da escola a dança vem basicamente interligada às festividades escolares, de acordo com esses autores a dança tem momentos específicos para acontecer nas escolas em geral, e determinados ritmos a ser trabalhado, como é o caso da festa junina que tem seu ritmo específico (forró).

Algo que também evidenciamos durante as intervenções e que encontramos embasamento em algumas pesquisas é a questão do estereótipo no que tange a inserção da dança nas aulas. De acordo com Saraiva (2005) o estereótipo é o conjunto de características que “definem” o papel do indivíduo, uma atribuição de características específicas resultante na internalização, por parte de indivíduos e grupos, das características que diferenciam os papéis que cada um dos sexos pode desempenhar na sociedade. Acreditamos que essa afirmação justifique o percentual de meninos que participaram da intervenção. Já que de 20 alunos participante apenas 7 eram meninos.

Isso pode advir da excessiva influência que a mídia televisiva faz acerca do futebol, os meninos acabam procurando somente esse conteúdo nas aulas, o que limita o acervo de conteúdos da área da Educação Física. Durante as observações percebemos que a maior resistência ao conteúdo, eram por parte dos meninos, muitos preferiam jogar bola, a dançarem. E segundo a fala do próprio professor de

Educação Física da escola, os alunos resistem muito a dançarem e que os poucos que participam, é que já tinham o dom.

Buscamos artigos que discutissem a dança e da dança afro-brasileira enquanto conteúdo capaz de agregar valores dentro da sala de aula, e formas de se trabalhar com a mesma. Através dos estudos de Figueiredo (2007), observamos que a produção de conhecimento sobre a dança apresenta, para as pessoas que a estudam, um banquete sobre sua história, especialmente ocidental (europeia e norte-americana) e sobre seus principais precursores, mas pouco apresenta sobre as danças populares que constituíram e constituem a história da humanidade pelas ruas, sobre as que se consolidaram em nosso próprio país, e menos ainda sobre suas possibilidades de estudo e ensino no espaço escolar. A dança afro vem contribuir com as lacunas deixadas, proporcionando o conhecimento sobre as danças populares que constitui nossa cultura.

A autora ainda ressalta que na história brasileira estão ausentes muitas das expressões da dança de cunho popular que se mantiveram ao longo dos anos. São danças ligadas às festas, às religiões, às produções culturais das nações que, dizem, contam e encantam quem as faz e quem as vê. Trata-se de incontáveis manifestações que são mantidas comumente pela tradição oral e pela sua manifestação corporal nas festas populares (FIGUEIREDO, 2007).

De acordo com Figueiredo (2007) refletir sobre a dança como “uma manifestação artística que tem presença marcante na cultura popular brasileira” implica colocá-la nesse campo de discussão no qual a cultura popular se faz e refaz. No caso da dança, os estudos que buscam tratar de temáticas populares com efetiva preocupação de pesquisa assentam-se no desafio de colocar em cena essas expressões quase emudecidas.

Com base em Ferraz (2012), além de se trabalhar a cultura, as danças afro-brasileiras permitem ao dançarino adquirir agilidade para obterem um jogo de controle e des controle do corpo, uma somatória de experiências que vão além de meros delírios libertinos, improvisação aleatória, histeria descontrolada e êxtase ao acaso. Não podemos vê-la como uma pulsão que se apodera do dançarino.

Sobre as dança afro-brasileira e a acultura afro em geral, de acordo com as respostas obtidas nos questionários, os alunos demonstram uma total falta de conhecimento, e muito preconceito. Porém a partir do incentivo, e da metodologia aplicada, no decorrer das aulas, percebemos que a turma começava a aceitar o conteúdo, isso ficou mais claro, após a aula de vídeo que fizemos a respeito de alguns relatos de racismo sofridos e após o debate que essa aula proveu. Notamos que ali, a turma tinha se incomodado com tamanha falta de respeito, e que isso havia contribuído para que os alunos se permitissem conhecerem mais sobre a cultura afro.

Essa mudança se calcifica no segundo e terceiro questionários, foram gigantescas as mudanças no pensamento e na forma com que os alunos passaram a ver a cultura afro. Notamos que apesar de não ter tido muito tempo para as intervenções, foram significativas para haver uma compreensão do que foi o negro para a formação identitária e cultural brasileira.

Kleinubing e Saraiva (2009), relatam que o déficit na inserção da dança nas aulas de Educação Física se dá quase sempre pela falta de interesse, ou pela inexperiência do professor na área, o que acaba provocando o distanciamento deste conteúdo nas aulas. Podemos perceber isso no quarto questionário, entregue ao professor, aonde ele afirma que não tem aproximação com o conteúdo e que por isso não trabalha a danças em suas aulas.

Entendemos que há concordância sobre o benefício da dança afro-brasileira e que ela pode contribuir no ensino dos conteúdos voltados para a cultura afro-brasileira, porem não propõe esses conteúdos porque o professor não se identifica com o mesmo. Procuramos analisar a visão do professor a respeito da inserção da dança afro-brasileira, e como ele vem trabalhando questões dessa cultura nas suas aulas e se julga necessário esse conteúdo nas aulas, e de acordo a suas respostas, nota-se o déficit que esse conteúdo terá em suas aulas.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dança proporciona muito benefícios àqueles que a praticam, porém, infelizmente ainda sofre muito preconceito para a sua aceitação e inserção, seja por parte dos alunos, que erroneamente acreditam que a dança é coisa de mulher, ou pelos professores, que não tem afinidade com o conteúdo, e que por isso preferem se ater somente a conteúdos voltados para esportes. O que acaba limitando o acervo de conteúdos da Educação Física, e limitando também os alunos à quadra, o que acarreta na eternização da ideia de que educação Física é só “jogar bola”.

Se a dança contemporânea encontra dificuldade para a sua inserção na escola, o que dizer das danças afro-brasileiras, que historicamente são vítimas de uma série de preconceitos atuantes em praticamente todas as manifestações afro-brasileiras, desde a dança, as artes em geral, a religião e até mesmo na culinária. Infelizmente, por mais maquiado que seja o racismo no Brasil, ele existe, e em um momento ou outro, mostra sua face perversa.

Para a inserção da dança afro-brasileira nas aulas sempre haverá problemas assim, como qualquer outro conteúdo. As dificuldades de aceitação de conteúdos relativamente novo geram de imediato rejeição e até mesmo preconceito, que foi o que aconteceu no início das intervenções, as brincadeiras inconvenientes e as piadinhas racistas estavam sempre presentes, mas com o tempo e com o trato pedagógico que demos ao conteúdo ele se transformou em algo positivo na visão dos alunos.

O intuito da inserção da dança afro-brasileira na sala de aula é o de contribuir para a afirmação da identidade afrodescendente, bem como o reconhecimento da cultura negra e sua valorização. Procurar abrir espaço para reflexões a respeito do racismo e o que ele provoca àqueles que o sofrem, e permitir aos alunos o ingresso no mundo do sagrado, do ritual, do mito e das suas possibilidades de manifestação, promovendo e assegurando esse conhecimento dentro da escola.

Encontrando-se embasamento na Lei 10.639, que vem com propósito de romper o ensino mecânico do estudo sobre o continente africano nas aulas de história, mas sim, trabalhar questões culturais (religião, danças, culinária) entre outros elementos que compõe a cultura afro-brasileira.

Entendemos que se faz necessário um grande incentivo às ações pedagógicas que contribua para o reconhecimento da cultura dos negros e sua importância para nossa formação cultural, bem como o reconhecimento de que somos povos mestiços de descendências africanas, indígenas e portuguesas. Nós enquanto educadores e formadores de opinião, devemos contribuir mais diretamente para esse reconhecimento, buscando promover nos alunos um olhar crítico sobre as ideias preconceituosas que estão se fortalecendo cada vez mais em nosso País. Incentivos assim podem contribuir para uma organização social mais justa para todos, já que estamos formando sujeitos sociais.

Após as intervenções notamos que apesar do professor não trabalhar a dança afro-brasileira nas suas aulas, há concordância sobre os seus benefícios e que ela pode contribuir no ensino dos conteúdos voltados para a cultura afro-brasileira. Quanto ao entendimento dos alunos em relação a cultura Afro, bem como, da sua inserção dentro das aulas de Educação Física a partir do conteúdo dança, verificamos uma significativa e expressiva melhora, no que diz respeito ao conhecimento, e a forma com que se referiam a questões referente a cultura negra. Percebemos que de não houve mudanças no que tange a adesão do estilo Afro, porém, esse não foi o objetivo principal das intervenções, mas sim, e principalmente, o reconhecimento dessa cultura e promover o respeito e a admiração da mesma. Nesse sentido, foram consideradas positivas e alcançadas o nosso objetivo.

Assim, de acordo com o que foi suscitado, e com o objetivo proposto, conclui-se que a contribuição da dança afro-brasileira inserida como conteúdo das aulas de Educação Física escolar se mostra como um importante instrumento de auxílio pedagógico podendo auxiliar no ensino bem como, contribuir de forma incisiva para a autoafirmação identitária do alunado, mudanças no modo como veem a cultura afro, e como a propaga, desenvolvendo ainda sua formação política com criticidade. Constatando-se a compreensão dos alunos sobre a cultura afro-brasileira, e a importância da sua inclusão como conteúdo das aulas de Educação Física escolar.

REFERÊNCIAS:

ABREU, Eduardo L. B. de. **Identidade cultural:** Comunidades quilombolas do extremo sul da Bahia em questão. Revista África e Africanidades - Ano 2 - n. 8, fev. 2010.

ALVES, Castro. Navio Negreiro. São Paulo, 1868.

AMISTAD. Direção: Steven Spielberg. DreamWorks SKG. 1997. DBD (154 min)

BARRETO, Débora. **Dança:** ensino, sentidos e possibilidades na escola –Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

BRANTES, Eloísa. **A Espetacularidades da Performance Ritual no Reisado do Mulungu** . Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 27(1): 24-47, 2007.

BRASIL. Presidência da República. Lei no 10.793, de 1o de dezembro de 2003 Diário Oficial, Brasília, 2 dezembro 2003.

BRASIL. Presidência da República. Lei no 11.645, 11 de março de 2008 Diário Oficial, Brasília, 11 de março de 2008 Diário.

CARBONERA, Daniele; CARBONERA, Sergio A. **A importância da dança no contexto escolar** - Cascavel-PR. 2008.

CRUZ, Alessandra C. **“O samba na roda” Samba e cultura popular em Salvador 1937- 1954.** Salvador 2006.

DAVIS, Darien J. **Afro-brasileiros hoje** / Darien J. Davis; [tradução: Felipe Lindoso]. – São Paulo: Summus, 2000.

FERRAZ, Fernando M. C. **O fazer saber das danças afro:** investigando matrizes negras em movimento / - São Paulo, 2012.

_____ **Negritudes na Diáspora:** Quantas Danças Cabem num Conceito – Instituto de Artes, Unesp. São Paulo 2013

GRAEFF, Ninna. **Samba de Roda** : comemorando identidades afro-brasileiras através da performance musical. samedi 19 janeiro 2013.

GRANDO, Daiane; HONORATO, Ilma C. R. O ensino do conteúdo Dança na 5ª e 6ª série do ensino fundamental a Partir da Dança Folclórica e da Dança de Rua. **Motrivivência** Ano XX, nº 31, p 99 – 114. 2008.

HERBERT S. Klein. A escravidão Africana: America Latina e Caribe. **Brasiliense**, sorriso, 1987.

Capoeira Exportes, Google. Disponível em:
<http://capoeiraexports.blogspot.com.br/2011/01/maculele-origem-e-historia.html>.
Acesso no dia 02/11/2015 as 14:34 hs.

KLEINUBING, Neusa D.; SARAIVA, Maria de C. **Educação Física escolar e dança**: percepções de professores no ensino fundamental., Porto Alegre, v. 15, n. 04, p. 193-214, outubro/dezembro de 2009.

Ilê Aiyê. Noite da Beleza Negra:

Disponível em: <<http://www.ileaeoficial.com/noite-da-beleza-negra/>> Acesso em:02/11/2015.

LARA, Larissa M. Danças de Orixás e Educação Física: Delineando Perspectivas a partir dos Rituais de Candomblé. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 11, n. 1, p. 59-67, 2000.

LIMA, Ivaldo M. de F. **Entre Pernambuco e a África. História dps maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-2000)**. Pernambuco, 2010.

LISBOA, Larissa. O samba como resistência e reafirmação. **Revista África e Africanidades** - Ano 2 - n. 8, fev. 2010.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital** – 2ed. – São Paulo: Boitempo, 2008.

MILAN, Joenir A.; SOERENSEN, Claudiana. A dança negra/ afro-brasileira como fator educacional **Revista Africa e Africanidade** – ano III. n. 12 – Fev. 2011.

MINAYO, Maria C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

Ministério Público Federal. Flauteando pelo Brasil. Disponível em: <<http://pages.udesc.br/~c7apice/arquivos/salaaula/Flauteando.maculele.pdf>> Acesso em 02/11/2015).

Ministério da Cultura, Google. Notícias em destaque. Disponível em:

< <http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/> >- acesso no dia 24/ 08/ 2015 às 20:00 horas.

Nossa Cultura. Disponível em :

< <http://www.turminha.mpf.mp.br/nossa-cultura/cultura-afro-brasileira/dancas-de-origem-africana.>>. Acesso em 02/11/2015.

OLIVEIRA, Ângela da S. Maracatu de Baque-Virado nos grupos paulistanos. Salvador. 2011. Disponível em:

<http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1304392915_ARQUIVO_ufba.pdf> Acesso em 02/11/2015.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. **R. Fac.**, São Paulo, v.22, p.72-89, jan./dez. 1996.

QUERINO, Manoel. **Costumes africanos no Brasil – 2 ed** Salvador: EDUNEB, 2010.

REIS, Vagner F.; PEREIRA, Jaqueline de S. N. A cultura Afro-brasileira como Conteúdo a ser Ensinado nas aulas de Educação Física. **Encontro Internacional de Produção Científica**. 2011.

RIBEIRO, Josenilda O. **Sincretismo Religioso no Brasil: Uma Análise Histórica das Transformações no Catolicismo, Evangelismo, Candomblé e Espiritismo - Recife, PE, 2012.**

SANTOS, I. S. Educação Física. Capoeira. Maringá: **Imprensa Universitária**, 1990.

SANSONE, Livio. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil/Livio Sansone**; tradução: Vera Ribeiro. – Salvador; Edufba; Pillas, 2007.

SILVA, Adailton d. **Relatos Sobre o Jogo: Reflexões e episódios de um pesquisador negro** - Brasília DF. 2006.

SILVA, José C. A. de. Presidente. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.** - O projeto de resolução anexa a este parecer, foi transformado na Resolução CP/CNE nº 1/2004, publicada no DOU Nº 118, 22/6/2004, SEÇÃO 1, P. 11. 2004.

SOUSA, Vilson C de. **Orixás, santos e festas: encontros e desencontros do sincretismo afro-católico na cidade de Salvador.** – Salvador – BA: Ed. UNEB, 2003.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação** – 6ª ed – São Paulo: Cortez; 1994.

APÊNDICES

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO 1



QUESTÕES PARA OS ALUNOS

Para darmos sequência ao projeto de pesquisa intitulada “DANÇA AFRO-BRASILEIRA COMO CONTEÚDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A ESCOLA VALTÊNCI ROCHA LEVI”, utilizaremos algumas perguntas, que serão de extrema necessidade ao nosso projeto, contamos com a clareza e a objetividade nas respostas. Desde já agradecemos a sua colaboração.

Nome (Opcional): _____

Sexo () Feminino () Masculino Idade _____

Turma _____ Série _____

1ª) Qual a sua opinião sobre a “Dança” nas aulas de EF escolar?

2ª) Você se considera. Porquê?

() Branco () Preto () Amarelo () Pardo.

3ª) O que você entende sobre cultura afro-brasileira? E qual a sua opinião sobre a sua inclusão como conteúdo das aulas de EF escolar?

4ª) Na sua opinião, qual a importância da cultura afro-brasileira nas aulas de EF escolar?

5ª) Na sua opinião a escola vem trabalhando questões da cultura afro-brasileira nas aulas? Quais ? E quais os tipos de dança afro-brasileira você conhece?

6ª) Você se identifica com estes tipos de danças e manifestações? Porque?

Sim ()

Não ()

7ª) Cite três apresentações ou manifestações vistas ou conhecidas da cultura afro brasileira na cidade

QUESTIONÁRIO 2



QUESTÕES PARA O (S) PROFESSOR (S) DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Para darmos sequência ao projeto de pesquisa intitulada “DANÇA AFRO-BRASILEIRA COMO CONTEÚDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A ESCOLA VALTÊNCI ROCHA LEVI”. Utilizaremos algumas perguntas, que serão de extrema necessidade ao nosso projeto, contamos com a clareza e a objetividade nas respostas.

Desde já agradecemos a sua colaboração.

Nome (Opcional) _____

Sexo () Feminino

() Masculino

Idade: _____

1ª) Em que ano iniciou e concluiu o curso de graduação? Ou há quanto tempo atua como professor de EF?

2ª) Já propôs outros conteúdos da Educação Física que não sejam relacionados aos esportes coletivos (vôlei, futsal, basquete e handebol)? Qual a sua opinião sobre a “Dança” como conteúdo das aulas de EF escolar?

5ª) Questões da cultura afro-brasileira vem sendo contempladas em suas aulas? Julga ser necessário trabalhar essas questões com o alunado?

6ª) Na sua opinião qual a importância de se trabalhar conteúdos da cultura afro-brasileira nas aulas de EF escolar.

8ª) Acredita que a dança afro-brasileira é capaz de quebrar paradigmas e preconceitos quanto à cultura negra, contribuindo para a formação individual do indivíduo?

10ª) Cite algumas manifestações da cultura afro-brasileira do seu conhecimento e quais dessas existe em Uibaí

QUESTIONÁRIO 3

Prezado estudante, você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), do estudo intitulado “DANÇA AFRO-BRASILEIRA COMO CONTEÚDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A ESCOLA VALTÊNCI ROCHA LEVI” que visa investigar por meio de intervenções, as implicações da dança afro-brasileira como conteúdo de valorização cultura afro-brasileira nas aulas de Educação Física, embasado nas leis nº 10.639/03 e nº11.645/08, sob coordenação da professora mestranda Alexandra da Paixão Damasceno de Amorim.

Solicitamos a sua boa vontade e sinceridade nas respostas para que a pesquisa seja bastante verdadeira nos seus resultados. Desde já, agradecemos sua disponibilidade e sua contribuição.

CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDANTE

Nome: _____

(OPCIONAL)

Data nasc.: _____ Idade: _____ Naturalidade: _____ Sexo biológico: ()fem () masc

Escola: _____ ano _____ turno: () matutino () vespertino

Quanto sua raça-cor da pele, você se considera: () branco () pardo () preto () amarelo () indígena

Participava com frequência das aulas de Educação Física antes do projeto () não () sim.

Já fez aulas dança anteriormente ao projeto? () não () sim. Qual?

SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Na sua escola, que lembre, já foram desenvolvidas outras ações sobre a valorização da cultura afro-brasileira?

() não () sim. Qual?

O que você achou da realização de aulas de Dança afro-brasileira?

O que você mais gostou das aulas?

O que você menos gostou das aulas?

Gostaria que as aulas continuassem a ser realizadas? Por quê?

Para você, o que é a dança afro-brasileira?

Após as aulas, qual a sua compreensão sobre a cultura afro-brasileira?

Deixe uma mensagem para a professora do Projeto de dança afro-brasileira na Escola Valtênci Rocha Levi.

APÊNDICE – B

Música do Grupo de Chula de Uibai/Ba de autoria de Paulo Cobas.

CIDADE DE XIQUE-XIQUE

Cidade de Xique- Xique ou que dor de coração. A rua cobriu de água, pegaram peixe de mão. Vou falar em Irecê, a cidade do feijão. Vou pro Morro de Chapéu que é a cidade do frio. Piritiba para Cinzal, Mundo Novo pro capim, tem dois profissional, que é o Bel e Silvani. Mais embaixo Baixa Grande, cavalo bom de carreira mais embaixo Ipirá onde faz sela mateira aonde tem dois feirão no dia de quarta-feira. Vou pra Feira de Santana meu Deus que bela cidade, eu fui passear um dia e sentir grande saudade. Eu vou parar na Bahia, onde eu vou cantar um dia, na rádio sociedade.

Vou te chamar pra te falar tu quer chorar não chore não. Você tá triste porque tá na solidão, se você deixar de choro, a gente ajeita o namoro, e eu te dou meu coração.

APÊNDICE – C

**Autorização**

Eu Maria Aparecida Lopes da Silva, inscrito no CPF 887815725-68, RG 0648267164 residente domiciliada na Rua Alto da Estrela, S/N, Uibaí-Ba, autorizo a discente Geisa Alves da Silva, inscrito no RG 125.699.3280, CPF 041509805-00, a utilizar o nome da Escola Municipal Valtenci Rocha Levi e suas dependências, CNPJ 08.009.874/0001-11 localizada na Praça da Educação, centro Uibaí-Ba, para realização de trabalhos de final de curso.

Uibaí, 26/05/2015.

Maria Aparecida Lopes da Silva
Maria Aparecida Lopes da Silva
(Diretora)

APÊNDICE - D



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS IV

COLEGIADO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CARTA DE ACEITE

Unidade

Prezado (a) Senhor (a) Professor Supervisor

Por meio desta, declaro para os devidos fins que a acadêmica _____

_____.

Foi aceita para realização de intervenção do seu projeto de conclusão de curso intitulado, **“DANÇA AFRO-BRASILEIRA COMO CONTEÚDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A ESCOLA VALTÊNCI ROCHA LEVI”** em nossa Instituição, no período de julho a agosto de 2015.

Atenciosamente,

_____, ____/____/____

APÊNDICE - E

CONVITE DO EVENTO DE ENCERRAMENTO DENOMINADO “QUANTAS CORES CABEM EM UMA CULTURA?”.



QUANTAS CORES CABEM EM UMA CULTURA?

DANÇA AFRO
BRASILEIRA

CONVITE!!!

É com prazer que venho por meio deste, convidá-lo a participar do evento “QUANTAS CORES CABEM EM UMA CULTURA”. Evento este, que faz parte do encerramento do projeto de dança afro da escola Valtenci Rocha Levi, que ocorrerá no dia 19.09 às 19:00h, na Praça Velha.

Desde de já agradecemos pela sua participação.

ATT: prof: Geisa Alves

APÊNDICE - F

CARTAZ DO EVENTO

QUANTAS CORES CABEM EM UMA CULTURA?



DANÇA AFRO
BRASILEIRA

DIA: 19/09
A PARTIR DAS 19:00H

MANIFESTAÇÕES AFRO-BRASILEIRA: **LOCAL:**
PRAÇA VELHA

DANÇA AFRO - ALUNOS DO VALTENCI
GRUPO DE CAPOEIRA - UIBAI
GRUPO DE CHULA - QUIXABEIRA **ORG: Prof: GEISA ALVES**

APÊNDICE - G**CRONOGRAMA**

Atividades	Meses / Ano2015					
	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro
Revisão de literatura	X	X	X	X	X	X
Elaboração do projeto	X					
Organização dos instrumentos	X	X	X			
Coletas de Dados			X	X	X	
Análise de dados					X	X
Redação					X	X
Apresentação dos resultados						X

APÊNDICE - H**ORÇAMENTO**

Materiais	Quantidade	Valor unitário	Valor total
Papel A4	5 resma	R\$ 12,00	R\$ 60,00
Caneta	1 caixa	R\$ 1,00	R\$ 26,00
Passagens	3 vezes semanais	R\$ 30,00	12 vezes ao Mês R\$ 360,00
Impressão	4 cartucho	R\$ 23,00	R\$ 92,00
Encadernação	3 vias	R\$ 2,00	48 pág. R\$ 96,00
Total	-	-	R\$ 634,00

*Recursos próprios

APÊNDICE - I

IMAGENS DAS INTERVENÇÕES



OFICINA DE TURBANTES



ABERTURA DA FEIRA DE CIÊNCIAS DA ESCOLA VALTENCÍ ROCHA LEVI



EVENTO DE ENCERRAMENTO

Apresentação do Grupo de Chula



Apresentação do Grupo de Capoeira



Apresentação dos alunos

